



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ANDRÉIA CRISTINA DO PRADO

**A CRÔNICA JORNALÍSTICA EM SALA DE AULA:
UM OLHAR SOBRE O TRABALHO COM A ESCRITA**

VOLUME 2

Londrina

2021

ANDRÉIA CRISTINA DO PRADO

**A CRÔNICA JORNALÍSTICA EM SALA DE AULA:
UM OLHAR SOBRE O TRABALHO COM A ESCRITA**

VOLUME 2

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) ofertado pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Estadual de Londrina, como requisito obrigatório à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Luís Freire

LONDRINA
2021

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	3
2. DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES	9
2.1. ORGANIZAÇÃO DOS ENCONTROS	9
1º Encontro.....	10
2º Encontro.....	10
3º Encontro.....	22
4º Encontro.....	31
5º Encontro.....	39
6º Encontro.....	41
7º Encontro.....	41
8º Encontro.....	44
9º Encontro.....	44
10º Encontro.....	45
11º Encontro.....	65
12º Encontro.....	66
13º Encontro.....	67
REFERÊNCIAS	68

1- APRESENTAÇÃO

Este caderno pedagógico faz parte da dissertação A CRÔNICA JORNALÍSTICA EM SALA DE AULA: UM OLHAR SOBRE O TRABALHO COM A ESCRITA e é resultado de nossa pesquisa sobre o gênero discursivo crônica jornalística e as possibilidades que envolvem sua produção em sala de aula por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. A inquietação que deu origem ao projeto inicial e, posteriormente, a esta pesquisa, foi nossa constatação da dificuldade encontrada em várias escolas, de contextos sociais diversos, com relação à escrita. Percebemos que escrever costuma ser uma atividade desafiadora para a maioria dos alunos. Afinal, arriscamo-nos afirmar, não é diferente mesmo para quem já concluiu seus estudos. No entanto, sabemos na escola é necessário que se busquem formas de suprir as faltas que podem, porventura, fazer com que os estudantes se sintam intimidados diante de uma folha em branco. É preciso dar vazão às vozes dos alunos. Ou, pelo menos, mostrar-lhes que essa possibilidade existe por meio da palavra escrita.

A BNCC (2017) afirma que nosso aluno do Ensino Fundamental, entre outras competências, deve:

Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social. (BRASIL, 2017, p. 87)

Constatamos assim que não basta saber escrever, no sentido de atender às exigências da gramática normativa – o que por si só é um imenso desafio, mas possibilitar com que nossos estudantes se sintam e percebam-se como indivíduos cuja palavra importa, interessa ser ouvida. E não só no contexto escolar. Também as DCEs (2008) destacam que é “preciso que o aluno se envolva com os textos que produz e assuma a autoria do que escreve, visto que ele é um sujeito que tem o que dizer. Quando escreve, ele diz de si, de sua leitura de mundo.” Portanto, notamos que as aulas de produção escrita não têm, por uma série de fatores, atendido a essa demanda, já que ainda se nota uma grande parte das produções de texto como cópias ou paráfrases de um modelo pré-definido.

No entanto, as aulas de produção de texto devem ser, antes de tudo, espaços legítimos de escrita. Delia Lerner ressalta:

O necessário é fazer da escola uma comunidade de escritores que produzem seus próprios textos para mostrar suas idéias, para informar sobre fatos que os destinatários necessitam ou devem conhecer, para incitar seus leitores a empreender ações que consideram valiosas, para convencê-los da validade dos pontos de vista ou das propostas que tentam promover, para protestar ou reclamar, para compartilhar com os demais uma bela frase ou um bom escrito, para intrigar ou fazer rir... (LERNER, 2002, p. 18)

Entendemos que, para que a escola se torne essa “comunidade de escritores”, é fundamental uma concepção de prática de produção escrita como um momento no qual, acima de tudo, o aluno tenha uma oportunidade de se expressar de forma legítima. Não apenas a partir de regras e estruturas que, embora fundamentais, não podem ser o principal objetivo se o almejado são textos que realmente façam sentido para quem os escreve.

Pensando na legitimidade do texto e na importância de os alunos escreverem sobre algo que lhes motiva, optamos por deter nosso olhar sobre as propostas de produção escrita da tipologia argumentativa direcionadas ao 9º ano do Ensino Fundamental. Essa escolha foi baseada a partir da constatação de que há uma imensa distância entre os resultados alcançados em sala de aula e uma escrita efetivamente motivadora. Embora muitos sejam os fatores que interferem nesse processo, apontamos para a dificuldade entre conciliar as necessidades exigidas para a produção de determinados gêneros discursivos mais complexos – conhecimento linguístico, por exemplo -, que por vezes não condiz com a realidade em sala de aula e a quantidade de tempo disponível para a realização de um trabalho que realmente supra as defasagens dos estudantes a ponto de permitir que eles possam produzir com mais autonomia.

Lopes-Rossi (2002), ao analisar as condições das aulas de produção de texto, aponta algumas questões relevantes a essa distância entre o que observamos em sala de aula e uma escrita significativa:

- descaracterização do aluno como sujeito no uso da linguagem. Ele procura reproduzir um certo “discurso da escola” ou, pelo menos, aquilo que lhe fica como uma imagem do que a escola privilegia, do que o professor “gosta que ele escreva”, do que lhe parece “bonito” numa redação;
- artificialidade dos temas propostos ou pouca possibilidade de interesse dos alunos nesses temas;
- falta de objetivos de escrita por parte do aluno, a não ser tirar nota ou cumprir uma exigência do professor; (LOPES-ROSSI, 2002, p. 20)

Acreditamos que a partir do momento em que o aluno não se percebe como um potencial autor do próprio texto, ou que suas ideias só são relevantes se

estão de acordo com o que o professor espera, dificilmente há uma escrita que lhe pareça ter uma finalidade além da obtenção de nota. Mesmo que as produções sejam socializadas em murais ou quaisquer outras formas de exposição, cremos que mais importante é o aluno perceber que suas reflexões foram respeitadas. Nossas palavras dizem muito de nós. Precisamos ter o direito de expressar quem somos.

Na busca por compreender as dificuldades do aluno em sua relação com o próprio texto, Tauveron afirma que:

Por que, para que e o que ele deve escrever? Ele com frequência ignora, ou mais exatamente ele faz suposições, sempre arriscadas, sobre o que o professor espera dele [...]. Ele sabe que seu texto, de alguma forma falho, será submetido a um olhar “ortopédico”, recolocado nas normas, reenquadrado, colocado em desordem para se submeter à representação implícita do professor sobre “como deveria ser este texto” (representação que se apressa para partilhar com seus leitores pares, por vezes mais “ortopedistas” que “ortopedagógicos”). Submetido à avaliação/correção coletiva, o texto do aluno não lhe pertence mais, se é que em algum momento ele lhe pertenceu. (TAUVERON, 2014, p. 88)

Nossa reflexão ao longo da pesquisa bibliográfica que deu embasamento a esse caderno pedagógico foi justamente a ânsia por devolver ao estudante o pertencimento de seu próprio texto, de tentar traçar caminhos nessa jornada árdua por uma escrita mais autoral em um sistema educacional que, por vezes, estimula a cópia e a reprodução de modelos. Por esse e demais motivos elencados anteriormente, acreditamos que a crônica jornalística é um gênero discursivo subestimado e que deve ser alvo de propostas de produção de texto menos superficiais, pois possui características que permitem ao aluno desenvolver um olhar reflexivo e crítico sobre sua realidade.

Além disso, tal gênero, ao mesmo tempo em que possibilita que o aluno desenvolva a habilidade argumentativa, abre espaço para uma subjetividade que pode ser fundamental na busca por textos que expressem efetivamente a subjetividade do autor. Ao elencar as características da crônica, Moisés afirma:

A subjetividade é a mais relevante de todas. Na crônica, o foco narrativo situa-se invariavelmente na primeira pessoa do singular; [...] A impessoalidade é não só desconhecida como rejeitada pelos cronistas: é a sua visão das coisas que lhes importa e ao leitor; a veracidade positiva dos acontecimentos cede lugar à veracidade emotiva com que os cronistas divisam o mundo. (1997, p. 255)

Foi essa “visão das coisas” definida por Moisés (1997) o princípio que norteou as atividades propostas neste caderno pedagógico. Buscando despertar nos alunos a motivação para comunicar suas percepções sobre o mundo e os

acontecimentos que condizem com sua realidade, entendemos que o primeiro passo seria proporcionar um maior contato com o gênero crônica jornalística a partir da seleção de textos de diferentes cronistas para leitura. Os autores foram selecionados de acordo com sua relevância, seus diferentes estilos e temas tratados nas crônicas. Outras crônicas poderão ser acrescentadas ou substituídas ao longo das atividades, feitas as adaptações necessárias se a atividade em questão assim exigir. No entanto, entendemos que o mundo das crônicas é imenso, cheio de possibilidades e que cabe ao professor, ao aplicar o caderno pedagógico, definir quais delas serão mais pertinentes ao seu grupo de alunos.

Quanto às atividades de escrita criativa propostas antes da produção de crônicas em si, partimos do entendimento de que é necessário se apresentar aos estudantes alternativas de exercícios que proporcionem um contato menos formalizado com a escrita, visto que muitos alunos apresentam uma grande resistência à produção de texto. É importante esclarecer, portanto, que tais atividades não possuem a finalidade de introduzir o gênero crônica jornalística, mas possibilitar uma visão da escrita também como um exercício de criatividade e prazer.

Em relação à produção de crônicas jornalísticas, pensamos nessa etapa não só como uma via de acesso a um resultado esperado como projeto, mas partindo do princípio de que o estudante deve ter a percepção de que escrever carrega uma imensa oportunidade de verdadeiramente expressar-se por meio da palavra. Por isso, ao realizar as intervenções e correções necessárias nos textos, é imprescindível que o professor busque respeitar a visão do aluno, discuta com ele sobre os pontos que não ficarem claros no texto, perceba o que ele quis dizer com o que escreveu. O resultado das intervenções do professor não pode ser, em hipótese alguma, um texto cujo autor não reconheça a autoria. Nesse aspecto reside o cerne deste caderno pedagógico.

Cabe lembrarmos que a crônica assim é descrita por Antônio Candido:

É curioso como elas mantêm o ar despreocupado, de quem está falando de coisas sem maior consequência; e, no entanto, não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social. (CANDIDO, 1992, p. 17)

Esse “ar despreocupado” exaltado por Candido não pode ser esquecido ao longo do processo de escrita. Pelo contrário. Entendemos que é justamente por meio da exaltação dessa simplicidade que muitos estudantes, que por diversas

razões carregam a ideia de que escrever não é possível a todos, podem entender as aulas de produção textual como um aprendizado possível e, acima de tudo, momento de fazer-se ouvir.

Por fim, como sugestão para a divulgação das produções dos alunos, pensamos na criação de um blog para que os próprios autores possam ter controle total sobre suas criações, desde a inserção dos textos na página até a interação com os leitores por meio dos comentários. Também há a possibilidade de outras plataformas digitais serem utilizadas com esse mesmo fim, desde que possuam o recurso de compartilhamento e os leitores possam interagir. Ressaltamos que essa etapa deve ser organizada com a mesma atenção dedicada às demais, pois é importante que o estudante veja seu texto exposto.

2. DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

PÚBLICO-ALVO: 9º Ano

OBJETIVOS

- Proporcionar a leitura de crônicas jornalísticas de autores variados;
- Evidenciar as características do gênero discursivo crônica jornalística;
- Estimular práticas de escrita significativa;
- Favorecer a percepção de autoria nas aulas de produção textual;
- Produzir crônicas jornalísticas;
- Divulgar as crônicas jornalísticas produzidas por meio de plataformas digitais.

ETAPAS DO PROJETO

O caderno pedagógico “A crônica jornalística em sala de aula” foi elaborado para uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental específica, foco do projeto de intervenção para o qual se destinaria este trabalho inicialmente. Apesar disso, a escola escolhida não pertence a um contexto incomum. Trata-se de um espaço munido de poucos recursos didático-pedagógicos, biblioteca escassa e alunos com grandes dificuldades dentro e fora da sala de aula devido a um contexto socioeconômico precário.

As etapas deste caderno buscam estimular práticas de escrita significativas por meio da produção de crônicas jornalísticas e foram pensadas e divididas em treze encontros. Cada encontro contará com duas aulas semanais, de cinquenta minutos cada, para que haja tempo hábil à realização de todas as atividades propostas de forma tranquila e organizada.

As crônicas sugeridas serão disponibilizadas integralmente no decorrer das atividades. É importante que os alunos tenham acesso a esse conteúdo impresso, além de outras crônicas à escolha do professor a partir do acervo de cada escola. Também consideramos interessante que sejam levados para os momentos de leitura de exemplares de jornais para que os estudantes possam visualizar a crônica em seu suporte original.

2.1. ORGANIZAÇÃO DOS ENCONTROS

Encontro	Conteúdo	Objetivo
1	Leitura de crônicas	Realização de leitura livre
2	Leitura de crônicas	Realização de leitura de crônicas selecionadas
3	Características do gênero crônica	Leitura de crônicas e caracterização do gênero
4	Gêneros crônica e notícia	Exposição das relações entre os gêneros crônica e notícia
5	Produção de crônica	Produção de crônica
6	Correção/ reescrita das produções	Correção e comentários para reescrita da primeira produção
7	Reescrita das produções	Reescrita da primeira produção
8	Pesquisa	Realização de pesquisa sobre crônicas e notícias relacionadas entre si
9	Apresentação das pesquisas	Apresentação do resultado das pesquisas realizadas pelos alunos
10	Temas para a produção de crônicas	Apresentação dos textos de apoio para a produção de crônicas
11	Produção de crônica jornalística	Produção da crônica final do caderno pedagógico
12	Reescrita de crônica jornalística	Reescrita da produção final
13	Criação de página em rede social	Divulgação das crônicas produzidas pelos alunos

1º ENCONTRO

Conteúdo: Leitura de crônicas

Desenvolvimento:

- Nesse primeiro encontro será propiciado um momento de leitura livre;
- Os alunos deverão ser, de preferência, encaminhados para um espaço previamente preparado pelo professor para servir de 'Canto de leitura'. (pátio, quadra coberta, biblioteca);
- Haverá crônicas disponíveis para livre escolha dos alunos;
- Os textos deverão ser disponibilizados de todas as formas possíveis: por meio de fotocópias (preferencialmente, das crônicas sugeridas na relação disponível neste caderno pedagógico), coletâneas e jornais impressos;
- O intuito do primeiro encontro será a leitura em si e o contato com o gênero crônica jornalística. No entanto, não é necessário que este seja nomeado em nenhum momento;
- No final da aula, os alunos deverão ser questionados a respeito de suas impressões sobre a leitura e dificuldades em torno da leitura e escrita, de maneira informal, apenas em forma de roda de conversa.

2º ENCONTRO

Conteúdo: Leitura de crônicas

Desenvolvimento:

- Serão disponibilizadas fotocópias para todos os alunos das crônicas relacionadas abaixo;
- Será reservado o período de quinze minutos para a leitura silenciosa dos textos;
- O professor fará a leitura em voz alta;
- Depois de lidas todas as crônicas, o professor deverá questionar os alunos oralmente sobre suas impressões a respeito dos textos (1- Qual o tema de cada um deles? 2- De qual crônica mais gostaram? 3- Qual apresentou maior dificuldade na leitura?)

Crônicas sugeridas para o encontro 2

ENCONTRO 2- LEITURA DE CRÔNICAS

Texto 1

Os cãomunistas e a revolta da vacina

Já ouvi muita coisa estapafúrdia nessa quarentena (que já é quase semestrena). Embora seja difícil fazer um ranking, concorrem como as melhores: “é só uma gripezinha” (!); “cloroquina funciona, sim” (?); “a máscara é uma forma de envenenar as pessoas por respirarem o gás carbônico que expiram” (?!); “a China criou o vírus para derrubar o presidente do Brasil” (?!). Uma das minhas favoritas é que os comunistas querem ficar em casa para quebrar o país. E preciso admitir que essa passa bem perto. Na verdade, é tudo uma conspiração cãomunista.

Explico: se os cães tivessem uma religião, a quarentena seria o paraíso dos salvos. O distanciamento social fez todos os abraços serem deles, aumentando consideravelmente o nível de apertação de fuços. O exercício foi substituído pelo campeonato de arremesso de bolinhas e pela maratona de coçar pancinhas. E o boteco do fim de semana por sessões de Marley e eu, Bingo, Lassie e auaufins. A maior parte dos cachorros não precisa mais gastar o dia todo esperando melancolicamente o retorno do dono porque ele não sai.

O índice de balanço de rabinhos nunca esteve tão alto. Isso, somado ao fato de que os peludos já não são grandes simpatizantes de agulhada, fez ressoar uivos sincronizados aqui na vizinhança quando anunciaram a iminência de vacina. Aqui em casa, interceptei a comunicação que a Aeris e a Pretinha mantinham, da sacada, com os vizinhos, a Estopa e o Melo (que eu acho que é abreviação de Cogumelo, mas a Nádia acha que é de Caramelo), enquanto o Costelinha distraía a gente com seu pompom fofo. A comunicação é feita em avançado código ruff.

Os planos, aparentemente, incluem uma perseguição em massa aos carteiros responsáveis por entregar o lote das vacinas; o enterro

sistematizado no jardim, preferencialmente onde haja flores, dos lotes que cheguem ao seu destino; a mastigação compulsiva de qualquer seringa que adentre o lar. Caso essas medidas não sejam efetivas, o cachorro deve seguir para a contenção de danos que inclui fazer xixi no tapete, mastigar o sofá e engolir uma meia. O especialista Wolf vau Bho Woef alerta: não é hora de ser um bom garoto.

Wang, autoridade chinesa, informou que está conseguindo esconder o osso por lá, que agora é com os russos. Gav-gav respondeu que a Rússia não vai bater o rabo para capitalistas safados e agora está nas patas do inglês Arf Bow Wow, que já vendeu tudo para os EUA. O vira-lata caramelo respondeu que aqui no Brasil ainda estamos correndo atrás do rabo – que está em risco com a ozônioterapia. Os cachorros aqui de casa seguem plenos, certos do sucesso da revolta da vacina, cãomunistas! Enquanto isso, os felinos miam em desespero protagonizando mais um vídeo para o tiktok, mas isso é assunto para a próxima crônica.

MOSSI, Camila. **Os cãomunistas e a revolta das vacinas**. Disponível em: [camila-mossi-portfolio.pdf \(wordpress.com\)](#). Acesso em 01 MAI 2021.

Texto 2

A triste língua do rádio

Quando ouço alguém dizer que domina perfeitamente uma língua estrangeira, não acredito. O sentimento que temos de cada palavra é alguma coisa funda e fluida, que vem desde a infância, que faz parte de nossa própria vida, que tem gosto, som, temperatura, consistência, cheiro; cada palavra é uma longa experiência sensorial, emocional e intelectual que vivemos ao longo de toda a existência. Podemos aprender o seu sentido; mas como apreender sua substância, ouvir seu eco mais íntimo se antes não “vivemos” essa palavra?

Há palavra que nos levam à infância — “torresmo”, “tacho”,

“jenipapo”, outras ao fim do curso primário, como “aliás” ou “adversário”.

A infância de hoje tem um vocabulário diferente do meu tempo de menino, porque aprendeu muita coisa na linguagem quase sempre pernóstica do rádio — que existe de mais alarmante que a falsa riqueza vocabular de alguns locutores de futebol? Já essa palavra “locutor” me arrepia um pouco, com seu ar douto e latinizante. Acho que está bem e não proponho nenhuma outra em seu lugar — mas é irresistivelmente antipática, lembra colégio, sala de operação, processo inquisitorial.

O rádio, com sua força tremenda, tende a unificar a linguagem nacional a um ponto impossível de imaginar antes; a língua oficial falada no Brasil em todos os círculos sociais e em todos os estados é, afinal de contas, a da Rádio Nacional. Se amanhã o pessoal dessa estação resolver inventar um adjetivo qualquer — suponhamos, “obvio” —, esse adjetivo passará a ser falado e escrito por milhões de pessoas, do Acre ao Rio Grande do Sul, com a maior naturalidade.

De alguns anos pra cá a gíria carioca passou a ser fabricada pelo rádio; se em um programa muito ouvido uma pessoa com voz engraçada disser, de vez em quando, “porém talvez”, essa tolice será repetida por nós todos.

Antigamente uma expressão de gíria, para vencer, tinha que passar por um longo processo de seleção; devia ser transmitida de boca em boca até alcançar uma letra de samba ou uma revista de teatro.

Hoje, o Estado ou um grupo capitalista pode impor até um falso folclore, pré-fabricado, como impõe sentimentos e opiniões. O pior é que o rádio se popularizou sem nenhuma tradição intelectual ou cultural e até hoje é relativamente fraco nesse terreno. E grandes massas votam “de ouvido”, pensam “de ouvido”, sentem “de ouvido”...

No meio desses males, a influência pernóstica ou cafajeste do rádio sobre a língua é um mal menor. Mas sempre me dói ouvir uma criança dizer

“ludibriar” ou “ultrapassar”... Isso me dá pena.

BRAGA, Rubem. A triste língua do rádio. Disponível em: A triste língua do rádio – Crônica de Rubem Braga | Conto Brasileiro. Acesso em 25 mar 2021.

Texto 3

Não é tudo isso

Desculpa lembrá-los, mas a gente nunca foi exatamente feliz

Como pessoa ansiosa e pessimista que sou, venho do futuro pra te preparar: quando acabar a pandemia e você voltar a dar festas e a encontrar a parentada no Natal, uma onda de desgosto vai tomar todo o seu corpo.

Nesses quase dois anos, idealizamos nosso passado. Como diria Neymar, uma saudade do que a gente não viveu. Nos apaixonamos por pessoas que nem conseguimos conhecer direito; mandamos uma quantidade exagerada de corações pulsantes pra vários amigos dos quais já nem gostávamos mais e imploramos pela volta dos colinhos dos nossos pais, esquecendo por completo que eles nunca foram muito disso –e ainda correríamos o risco de ouvir coisas como “precisa cortar esse cabelo”, “seu couro cabeludo está descascando” e “quando for doar essa mesinha de centro eu quero”.

Que saudade do restaurante da modinha lotado! Você feito uma trouxa em pé, na porta, implorando por um suco de melancia pra não morrer de hipoglicemia. Duas horas depois, te colocam em frente a um banheiro, ao lado da mesa com garotas insuportavelmente nasaladas falando muito alto sobre algo absolutamente desinteressante.

Eu quero viajar!!! Quer nada. Se meter 12 horas na econômica de um avião é pior do que pegar dengue e precisar fazer hora extra no trabalho. Dormir numa fronha em que 376 desconhecidos já babaram. Quem você quer enganar fingindo que não tem aflição de hotel? Aquele

controle remoto com restos de sêmen das pousadas românticas. Você na praia no Ano-Novo fingindo que está feliz porque todos estão fingindo e é preciso se agarrar a alguma coisa, algum pertencimento, quando um ciclo se encerra e lembramos que vamos todos morrer.

Desculpa lembrá-los, mas a gente nunca foi exatamente feliz. Os chás de bebê e as barrigas imensas com sorrisos pintados de guache vão voltar; as festas infantis com temática de princesa vão voltar; sua tia Carminha que sempre te acha gorda e depois chora porque “você não a olha como se a amasse de verdade” vai voltar; os vizinhos que curtem pequenos convescotes regados a pagode vão voltar, e seu gastro vai voltar a insistir que você já está na idade da colonoscopia. É melhor do que viver uma pandemia? Certamente. Mas ainda melhor, pra que a queda não seja tão grande, é já começarmos a recordar o quanto tudo pode ser insuportável, enfadonho e desesperador.

Queria dar uma festa! Queria mesmo? Será que tô com essa saudade toda de ver meu lavabo com marcas de urina e sola de sapato? Taças quebradas no chão da cozinha. A namorada da semana de um meio amigo que fica drogada e prolixa e não vai embora jamais e repete a mesma história insuportável mil vezes e diz coisas como “isso não tem a ver com a pessoa que eu sou, porque a pessoa que eu sou...”. Um ex que eu chamo pra ver tudo o que ele perdeu, mas o desgraçado chega com a rainha do colágeno, e ela ainda risca meu piso dançando de salto alto. Querer assassinar meu cônjuge porque ele não sabe beber e lambe carecas e fica chatão e no dia seguinte anda atrás de mim feito o Sloth me pedindo remédios pra enxaqueca. Lembrar que desde que fiz 40 anos não posso mais ir dormir depois da meia-noite porque no dia seguinte parece que fui abduzida por ETs que trocaram minha carcaça por uma de 98 anos. Será que a vida era tão legal assim?

Eu sei que 40% do país já decretou o fim da pandemia, mas, como pessoa ansiosa e pessimista que sou, venho do futuro pra contar que eles vão se arrepender muito em breve. Isso tudo é terrível e infernal e triste e quero minha vida de volta. Quero toda a chatice de volta. Periga eu abrir

um espacate de alegria em uma cerimônia longa de casamento. Mas é sempre importante lembrar que lá no fundo estarei deprimida e doída pra voltar pra minha cama. Nota mental pra mim e pra você: não é porque parou de ser horrível que vai ser maravilhoso.

BERNARDI, Tati. **Não é tudo isso**. Disponível em: Não é tudo isso - 19/08/2021 - Tati Bernardi - Folha (uol.com.br). Acesso em 20 AGO 2021.

Texto 4

Jejum de realidade

É na vida real, cheia de defeitos e felicidade, sem filtros digitais, que acontece nossa festa

Há alguns dias uma influenciadora, com milhões de seguidores, anunciou um jejum de sete dias para emagrecer. O que antes seria loucura de faquir, hoje é modelo de vida: só a forma importa. Há muitas outras que exibem, em posts diários, barrigas saradas, nádegas perfeitas e seios improváveis, que milhões aplaudem com likes infinitos. Não são só elas: homens também fazem da exibição de tanquinhos definidos um meio de vida. Todos ao sol, todos na praia. Um bíceps contraído em Noronha, uma bunda descansando no Pepê, tanquinhos saracoteando em Jurerê Internacional. Para milhões e milhões, a vida dos influenciadores da boa forma parece — na tela — uma festa.

É compreensível o frenesi virtual: cada post é um valioso marketing, influenciador é uma profissão que dá muito dinheiro. O que não entendo são os milhões de seguidores: as fotos que tanto curtem me parecem todas iguais. A de hoje é a mesma de amanhã, que por sua vez é idêntica à de ontem. Viu uma, viu todas, só muda a praia ao fundo. Talvez seja eu que, ultrapassado, não saiba mais de nada.

No entanto, desconfio que entre esses milhões de seguidores e seguidoras existam muitos que se desapontam: não têm o mesmo corpo da moça da barriga sarada, não aguentam o jejum de sete dias da influenciadora faquir, não conseguem, mesmo com esforço e sacrifício,

chegar à forma dos rapazes de tanquinho. Mesmo assim gastam o tempo percorrendo as intermináveis fotos e, tristes, lamentam a própria sorte.

Devem ser jovens esses desapontados que, pela pouca idade, imaginam que só entrarão na festa quando tiverem o corpo perfeito que admiram nas redes. Vão procurar — inutilmente — nos bares, no Tinder, nos encontros do fim de semana, alguém que seja — na forma — igual ao que veem nos posts. Ou então se sentirão infelizes por não serem parecidos com o que tantos desejam. Quem vai querer passar a noite, o dia, a vida, com quem não é curtido por milhões, se perguntam, ainda ingênuos.

Têm muito tempo pela frente.

Com a experiência — off-line — vão perceber que há mais no corpo do que se filtra nas redes sociais. Também que pessoas são mais do que imagens. As palavras que são ditas, as que são ouvidas, o toque do outro, o que a pele sente, o que a alma pede. O que não precisa de jejum e não aparece nas selfies retocadas. Vão notar que existe muito mais poesia na realidade do que conseguem calcular os algoritmos. De noite, ao mesmo tempo que o rapaz de tanquinho definido faz milhares de abdominais, duas pessoas normais — como eu, como você — se encontrarão, vão rir juntas — de si, da vida — e, juntas, atravessar a madrugada.

Enquanto a influenciadora sofre pesadelos com o próximo jejum, se fará, em algum lugar, o encaixe exato dos corpos imperfeitos. De manhã cedo, quando a mulher da barriga sarada, nádegas perfeitas e seios improváveis focar pela milésima vez o mesmo ângulo, em algum quarto de janelas ainda fechadas pequenos segredos e grandes sentimentos serão descobertos e ficarão entre dois por muito tempo. Sem filtros digitais, sem milhões de likes e seguidores. Eles não serão necessários. É na vida real,

cheia de defeitos, imperfeições e felicidade, que acontece nossa festa.

AVERSA, Leo. Jejum de realidade. Disponível em: Jejum de realidade - Jornal O Globo. Acesso em 02 SET 2021.

Texto 5

De quem são os meninos de rua?

Eu, na rua, com pressa, e o menino segurou no meu braço, falou qualquer coisa que não entendi. Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava. Queria saber a hora.

Talvez não fosse um Menino De Família, mas também não era um Menino De Rua. É assim que a gente divide. Menino De Família é aquele bem-vestido com tênis da moda e camiseta de marca, que usa relógio e a mãe dá outro se o dele for roubado por um Menino De Rua. Menino De Rua é aquele que quando a gente passa perto segura a bolsa com força porque pensa que ele é pivete, trombadinha, ladrão.

Ouvindo essas expressões tem-se a impressão de que as coisas se passam muito naturalmente, uns nascendo De Família, outros nascendo De Rua. Como se a rua, e não uma família, não um pai e uma mãe, ou mesmo apenas uma mãe os tivesse gerado, sendo eles filhos diretos dos paralelepípedos e das calçadas, diferentes, portanto, das outras crianças, e excluídos das preocupações que temos com elas. É por isso, talvez, que, se vemos uma criança bem-vestida chorando sozinha num shopping center ou num supermercado, logo nos acercamos protetores, perguntando se está perdida, ou precisando de alguma coisa.

Mas se vemos uma criança maltrapilha chorando num sinal com uma caixa de chicletes na mão, engrenamos a primeira no carro e nos afastamos pensando vagamente no seu abandono.

Na verdade, não existem meninos De Rua. Existem meninos NA rua. E toda vez que um menino está NA rua é porque alguém o botou lá. Os meninos não vão sozinhos aos lugares. Assim como são postos no mundo, durante muitos anos também são postos onde quer que estejam. Resta ver

quem os põe na rua. E por quê.

No Brasil temos 36 milhões de crianças carentes. Na China existem 35 milhões de crianças superprotegidas. São filhos únicos resultantes da campanha Cada Casal um Filho, criada pelo governo em 1979 para evitar o crescimento populacional. O filho único, por receber afeto "em demasia", torna-se egoísta, preguiçoso, dependente, e seu rendimento é inferior ao de uma criança com irmãos. Para contornar o problema, já existem na China 30 mil escolas especiais. Mas os educadores admitem que "ainda não foram desenvolvidos métodos eficazes para eliminar as deficiências dos filhos únicos".

O Brasil está mais adiantado. Nossos educadores sabem perfeitamente o que seria necessário para eliminar as deficiências das crianças carentes. Mas aqui também os "métodos ainda não foram desenvolvidos".

Quando eu era criança, ouvi contar muitas vezes a história de João e Maria, dois irmãos filhos de pobres lenhadores, em cuja casa a fome chegou a um ponto em que, não havendo mais comida nenhuma, foram levados pelo pai ao bosque, e ali abandonados. Não creio que os 7 milhões de crianças brasileiras abandonadas conheçam a história de João e Maria. Se conhecessem talvez nem vissem a semelhança. Pois João e Maria tinham uma casa de verdade, um casal de pais, roupas e sapatos. João e Maria tinham começado a vida como Meninos De Família, e pelas mãos do pai foram levados ao abandono.

Quem leva nossas crianças ao abandono? Quando dizemos "crianças abandonadas" subentendemos que foram abandonadas pela família, pelos pais. E, embora penalizados, circunscrevemos o problema ao âmbito familiar, de uma família gigantesca e generalizada, à qual não pertencemos e com a qual não queremos nos meter. Apaziguamos assim nossa consciência, enquanto tratamos, isso sim, de cuidar amorosamente de nossos próprios filhos, aqueles que "nos pertencem".

Mas, embora uma criança possa ser abandonada pelos pais, ou duas ou dez crianças possam ser abandonadas pela família, 7 milhões de crianças só podem ser abandonadas pela coletividade. Até recentemente,

tínhamos o direito de atribuir esse abandono ao governo, e responsabilizá-lo. Mas, em tempos de Nova República*, quando queremos que os cidadãos sejam o governo, já não podemos apenas passar adiante a responsabilidade. A hora chegou, portanto, de irmos ao bosque, buscar as crianças brasileiras que ali foram deixadas.

COLASANTI, Marina. A casa das palavras. Disponível em armazendostextos.blogpost. Acesso em 29 MAI 2021.

Texto 6

Gente sincera e sem cerimônia: como evitar

Mantenha o distanciamento, evite o agrupamento e jamais, sob hipótese alguma, vote em um deles, muito menos para presidente

“Sou muito sincera, franca, detesto falsidades”, diz ela com indisfarçável orgulho. “Não gosto de cerimônia, sou um cara simples, autêntico, comigo não tem frescura”, é o que ele proclama envaidecido.

Se o leitor desavisado ouvir essas frases, pensará em pessoas divertidas e verdadeiras, que vão tocar a real sobre o seu relacionamento ou carreira, assim como avisar, de maneira discreta, se você tem uma alface no dente ou está com a braguilha aberta. Quem sabe, pensará também o leitor, se trata daqueles que aparecem de bermudas e havaianas em compromissos sociais caretas, deixando todos à vontade com a sua informalidade e alegria. À primeira vista parecem pessoas que não se prendem às convenções pequeno burguesas, almas livres que iluminam os que estão à sua volta.

Gente elegante, fina e sincera, dirão os ingênuos.

Tolinhos. É um engano mortal. Na verdade, são criaturas demoníacas, que

se instalam sorradeiras na sua vida: se você ouvir frases como as do primeiro parágrafo, cuidado, fuja o mais rápido possível sem olhar para trás ou muito menos deixar um contato de zap. Onde você pensa que encontrou o Zeca Pagodinho, na verdade, está escondido um Clodovil. Estas frases são o cartão de visitas de uma das nefastas criaturas existentes, o sincerão sem cerimônia. Não confunda com o extrovertido saltitante, que, apesar de ser mala, costuma ser do bem. Também é diferente do barraqueiro, outro satanás de quem ainda vou falar.

Quando se fala em formalidade, as pessoas logo pensam nos episódios de “The Crown” ou “Downton Abbey”, naqueles jantares em palácios, com cem talheres para cada lado do prato e mil regrinhas herméticas ou então em nobres arrogantes de pince-nez e fraque, cheios de medidas, rodopiando pelos salões. Não, meu caro leitor, estamos em outros tempos, hoje em dia qualquer gesto de gentileza e educação é considerado cerimônia e formalidade. Quem dá bom dia ao porteiro já faz por merecer fama de pedante e se você aparecer de calçado fechado num casamento vai ser considerado um incorrigível esnobe.

O truque do sincerão sem cerimônia é travestir de irreverência o que é apenas grosseria e falta de noção. Trata-se de circo de horrores movido a intimidade. Assim que se considera “em casa”, ou seja, 30 segundos após ser apresentado a alguém ou entrar em um ambiente desconhecido, ele começa a apontar supostos defeitos físicos ou detalhes “engraçados” alheios, sempre acompanhado daquelas cotoveladinhas de parça e um hein-hein-hein ávido de cumplicidade. Também não se furta a “conselhos” que espalham constrangimento e mal-estar. A desculpa é a importância de ser “franco”, doa a quem doer. Sua sem cerimônia lhe permite aparecer de chinelo de dedo e camiseta regata em velórios ou se comportar como macaco em loja de louça na festa da firma. O sincerão considera que sua tosqueira é virtude a ser apreciada por todos e que sua grosseria é motivo de inveja alheia. Com a invasão das hordas bárbaras dos últimos anos, os

sincerões estão se multiplicando, cada vez mais empoderados.

A única solução é evitar o contato visual ou a troca de mais do que duas palavras. Lembre-se: o sincerão sem cerimônia se alimenta de intimidade. Mantenha o distanciamento, evite o agrupamento e jamais, sob hipótese alguma, vote em um deles, muito menos para presidente.

AVERSA, Leo. **Gente sincera e sem cerimônia: como evitar**. Disponível em: Gente sincera e sem cerimônia: como evitar - Jornal O Globo. Acesso em 28 SET 2021.

3º ENCONTRO

Conteúdo: Características do gênero crônica

Desenvolvimento:

- A aula se iniciará com a leitura de duas crônicas. A leitura será feita em voz alta pelo professor. Todos os alunos deverão ter recebido fotocópias;
- A turma será dividida em pequenos grupos para que analisem os textos lidos e tentem encontrar neles características em comum, a partir de perguntas que direcionem suas discussões. É importante que os alunos percebam, ao menos, que o tema tratado pelos dois cronistas é o mesmo;
- A exposição das conclusões será feita oralmente pelos alunos;
- O professor poderá anotar no quadro ou projetar no Datashow as características elencadas;
- Após esse momento, o professor apresentará no Datashow os elementos constitutivos do gênero discursivo crônica jornalística a partir da análise das crônicas lidas e analisadas anteriormente pela turma;
- Para encerrar a aula, os alunos farão uma pequena atividade de escrita criativa a partir de objetos retirados de uma “caixa misteriosa” preparada pelo professor. A atividade consiste em cada aluno, sem olhar, pegar um

objeto da caixa, a partir dele, criar uma história. Os objetos deverão ser os mais simples possíveis, de uso cotidiano.

- Se houver tempo hábil, os estudantes que quiserem fazer a leitura de seus textos poderão compartilhar suas histórias com a turma.

Crônicas sugeridas para o encontro 3

Texto 1

O carioca e a roupa

Entre meus conterrâneos, os econômicos mineiros, é um motivo de orgulho, de ampla e sorridente satisfação, confessar que uma gravata custou muito mais barato do que parece. No Rio é exatamente o contrário, o sentimento de exaltação interior nasce quando se pode dar para a gravata um preço alto que surpreenda o interlocutor.

Não conheço outra cidade em que a roupa tenha tanta importância como aqui no Rio. O carioca é duma ironia corrosiva, terrivelmente desmoralizadora para homens, instituições e ideias graves, uma ironia também especialmente inimiga de qualquer pose ou afetação. Excetua-se a roupa; a roupa é sagrada. Um Charles Chaplin, uma Eleanor Roosevelt, um Mikoyan, um Oppenheimer, um Salk, um Alexander, um Schweitzer, um Picasso, um Casperson, um T. S. Eliot, um outro nome qualquer entre os expoentes contemporâneos em seus ramos de arte, ciência ou ofício, nenhum deles conseguiria manter por muito tempo aqui no Rio a aura de respeito que os cerca onde estejam. Sobretudo se cuidassem pouco de sua encadernação, de sua roupa.

Muito possivelmente, ganhariam um apelido, veriam os seus cacoetes imitados nas ruas e nos palcos mambembes, e passariam a ser conhecidos do povo através de um defeito mesquinho, e não pela soma de suas qualidades. Qualquer estrangeiro famoso, caso venha morar nesta cidade, pode agradecer aos céus se não for rotulado de chato. O carioca decidiu-se por uma grande simplificação da natureza humana, classificando a humanidade em chatos e bons sujeitos; com a nuance única de admitir que certos tipos, embora chatos, são no fundo uns bons sujeitos.

Sob este aspecto, São Paulo, com a sua compostura, com o seu culto a toda pessoa que emerge do anonimato, é o antídoto do Rio. Para o estrangeiro, a Capital paulista é um respiradouro: depois da passagem pelo Rio, onde não o levaram muito a sério, o chamado ilustre visitante vai contemplar, refletida no olhar respeitoso do paulistano, a verdadeira dimensão de sua glória.

E assim sempre foi, assim continua sendo, assim vai ser: o carioca tem o gosto e o dom de igualar os homens, de refugar as sofisticações, de considerar apenas em cada pessoa, independente de qualquer outro valor, a sua capacidade de convívio. O resto o povo destrói facilmente com duas ou três maldades de espírito.

Menos a roupa. A roupa, o problema de vestir-se, o preço e a aparência das peças de seu vestuário, transformam o sorriso zombeteiro do carioca numa expressão soturna e sofredora. É o seu ponto fraco, uma zona que resiste à sua ironia e pode torná-lo infeliz.

Diante dum carioca típico, alegre, divertido, com respostas humorísticas para tudo, experimentem, no momento exato de sua rigolade, colocar em dúvida a qualidade de sua roupa ou de sua elegância. Atingido por uma dolorosa pedrada, ele perderá instantaneamente o rebolado.

Sempre me chamou atenção no Rio a simplicidade com que as pessoas falam de suas dificuldades financeiras, de seus sacrifícios de orçamento, de suas turras, por falta de pagamento, com os fornecedores. Esta admirável franqueza desaparece por completo quando se trata de roupa. Neste capítulo, o carioca mente, exagera o preço de seus ternos e de suas camisas, mesmo porque as brigas com os fornecedores e os sacrifícios orçamentários são em grande parte devidos às verbas que se desviam para alfaiates e camisarias.

O proletário francês veste-se mal e come bem; o proletário alemão prefere vestir-se burguesmente e comer mal. É com este que se parece o proletário carioca. E as outras classes o acolhem mais complacentemente se ele passa fome, mas se apresenta bem vestido. A roupa vem assim compensar uma fome que não é de pão. Estamos diante de um preconceito complexo, inextirpável do meio social do Rio, terra que inventou e venera a lista dos dez mais, que realiza quase semanalmente um concurso de elegância, terra lucrativa para os comerciantes de tecidos e de roupa feita. Deu-se comigo outro

dia uma experiência engraçada: fui ao centro da cidade de blusa, coisa que me aconteceu várias vezes, mas só então acrescida de um pormenor que introduziu um caráter inédito à situação: levava debaixo do braço uma pasta de papéis, feita de nylon.

Sim, pela primeira vez fui à cidade de blusa e pasta. Qualquer um desses fatores quase nada significa isoladamente; reunidos, alteraram radicalmente o tratamento que me deram todas as pessoas desconhecidas.

Quando tomei um táxi, vi que o motorista torceu a cara, mas não percebi o que se passava, pois experimentei Semelhante má vontade em outras circunstâncias. Reparei também certa estranheza do motorista quando lhe dei de gorjeta o troco, mas permaneci opaco ao fenômeno social que se realizava. Em um restaurante comum, sentei-me para almoçar. O garçom, que até então eu não vira mais gordo, tratou-me com uma intimidade surpreendente e, em vez de elogiar os pratos pelos quais eu indagava, entrou a diminuí-los: "aqui a gororoba é uma Coisa só; serve para encher o bandulho".

Não sou de raciocínio rápido mas, em súbita iluminação, percebi, com todo o prazer da novidade, que eu estava vestido de mensageiro: pasta e blusa. Ao longo da tarde, fui compreendendo que, até hoje, não tinha a menor ideia do que é ser um mensageiro. Pois eu lhes conto. Um mensageiro é, antes de tudo, um triste. Tratado com familiaridade agressiva pelos epítetos de amigo, chapa e garotão, o que há de afetivo nestes nomes é apenas um disfarce, pois atrás deles o tom de voz é de comando. "Quer deixar o papai trabalhar, garotão", disse-me o faxineiro de um Banco, cutucando-me os pés com a ponta da vassoura.

Entendi muitas outras coisas humildes: o mensageiro não tem direito a réplica; é barrado em elevadores de lotação ainda não atingida; posto a esperar sem oferecimento de cadeira; atendido com um máximo de lentidão; olhado de cima para baixo; batem-lhe com vigor no ombro para pedir passagem; ninguém lhe diz "obrigado ou por favor"; prestam-lhe informações com relutância; as mulheres bonitas sentem-se ofendidas com o olhar de homenagem do mensageiro; os vendedores lhe dizem "não tem" com um deleite sádico.

Foi uma incursão involuntária à natureza de uma sociedade dividida em

castas. Preso à minha classe e a algumas roupas, dizia o poeta, vou de branco pela rua cinzenta. No fim da tarde, eu já procedia como um mensageiro, só me aproximando dos outros com precaução e humildade, recolhendo de meu rosto qualquer veleidade de um sorriso inútil, jamais correspondido. Dentro de mim uma vontade de sofrer. Por todos os mensageiros do mundo, meus irmãos. Por todos os meus irmãos para os quais a humilhação de cada dia é certa como a própria morte. Porque o pior de tudo é que as pessoas não sorriam. O pior é que ninguém sorri para os mensageiros.

CAMPOS, Paulo Mendes. **O Cego de Ipanema**. RJ: Ed. do Autor, 1961. Disponível em Pavilhão Literário Cultural Singrando Horizontes: Paulo Mendes Campos (O Carioca e a Roupas). Acesso em 18 JUN 2021.

Texto 2

O nariz

Era um dentista respeitadíssimo. Com seus quarenta e poucos anos, uma filha quase na faculdade. Um homem sério, sóbrio, sem opiniões surpreendentes, mas de uma sólida reputação como profissional e cidadão. Um dia, apareceu em casa com um nariz postiço. Passado o susto, a mulher e a filha sorriram com fingida tolerância. Era um daqueles narizes de borracha com óculos de aros pretos, sobancelhas e bigodes que fazem a pessoa ficar parecida com o Groucho Marx. Mas o nosso dentista não estava imitando o Groucho Marx. Sentou-se à mesa de almoço – sempre almoçava em casa – com a retidão costumeira, quieto e algo distraído. Mas com um nariz postiço.

– O que é isso? – perguntou a mulher depois da salada, sorrindo menos.

– Isto o quê?

– Esse nariz.

– Ah, vi numa vitrina, entrei e comprei.

– Logo você, papai...

Depois do almoço ele foi recostar-se no sofá da sala como fazia todos os dias. A mulher impacientou-se.

– Tire esse negócio.

– Por quê?

– Brincadeira tem hora.

– Mas isto não é brincadeira.

Sesteou com o nariz de borracha para o alto. Depois de meia hora, levantou-se e dirigiu-se para a porta. A mulher o interpelou:

– Aonde é que você vai?

– Como, aonde é que eu vou? Vou voltar para o consultório.

– Mas com esse nariz?

– Eu não compreendo você – disse ele, olhando-a com censura através dos aros sem lentes. – Se fosse uma gravata nova, você não diria nada. Só porque é um nariz...

– Pense nos vizinhos. Pense nos clientes.

Os clientes, realmente, não compreenderam o nariz de borracha. Deram risadas (“Logo o senhor, doutor...”), fizeram perguntas, mas terminaram a consulta intrigados e saíram do consultório com dúvidas.

– Ele enlouqueceu?

– Não sei – respondia a recepcionista, que trabalhava com ele há 15 anos. – Nunca vi “ele” assim.

Naquela noite, ele tomou seu chuveiro, como fazia sempre antes de dormir. Depois, vestiu o pijama e o nariz postiço e foi se deitar.

– Você vai usar esse nariz na cama? – perguntou a mulher.

Vou. Aliás, não vou mais tirar este nariz.

– Mas, por quê?

– Porque não!

Dormiu logo. A mulher passou metade da noite olhando para o nariz de borracha. De madrugada começou a chorar baixinho. Ele enlouquecera. Era isto. Tudo estava acabado. Uma carreira brilhante, uma reputação, um nome, uma família perfeita, tudo trocado por um nariz postiço.

– Papai...

– Sim, minha filha.

– Podemos conversar?

– Claro que podemos.

– É sobre esse seu nariz...

– O meu nariz, outra vez? Mas vocês só pensam nisso?

– Papai, como é que nós não vamos pensar? De uma hora para outra, um homem como você resolve andar de nariz postiço e não quer que ninguém note?

– O nariz é meu e vou continuar a usar.

– Mas por que, papai? Você não se dá conta de que se transformou no palhaço do prédio? Eu não posso mais encarar os vizinhos, de vergonha. A mamãe não

tem mais vida social.

– Não tem porque não quer...

– Como é que ela vai à rua com um homem de nariz postiço?

– Mas não sou “um homem”. Sou eu. O marido dela. O seu pai. Continuo o mesmo homem. Um nariz de borracha não faz nenhuma diferença. Se não faz nenhuma diferença, por que não usar?

– Mas, mas...

– Minha filha.

– Chega! Não quero mais conversar. Você não é mais meu pai!

A mulher e a filha saíram de casa. Ele perdeu todos os clientes. A recepcionista, que trabalhava com ele há 15 anos, pediu demissão. Não sabia o que esperar de um homem que usava nariz postiço. Evitava aproximar-se dele. Mandou o pedido de demissão pelo correio. Os amigos mais chegados, numa última tentativa de salvar sua reputação, o convenceram a consultar um psiquiatra.

– Você vai concordar – disse o psiquiatra depois de concluir que não havia nada de errado com ele – que seu comportamento é um pouco estranho...

– Estranho é o comportamento dos outros! – disse ele. – Eu continuo o mesmo. Noventa e dois por cento do meu corpo continua o que era antes. Não mudei a maneira de vestir, nem de pensar, nem de me comportar. Continuo sendo um ótimo dentista, um bom marido, bom pai, contribuinte, sócio do fluminense, tudo como antes. Mas as pessoas repudiam todo o resto por causa deste nariz. Um simples nariz de borracha. Quer dizer que eu não sou eu, eu sou o meu nariz?

– É... – disse o psiquiatra. – Talvez você tenha razão...

O que é que você acha, leitor? Ele tem razão? Seja como for, não se entregou. Continua a usar o nariz postiço. Porque agora não é mais uma questão de nariz.

Agora é uma questão de princípios.

Veríssimo, Luís Fernando. **O nariz e outras crônicas**. São Paulo: Ática, 1994.p.73-74. Coleção para gostar de ler. Disponível em O nariz - Crônica de Luis Fernando Veríssimo | Conto Brasileiro. Acesso em 10 JUN 2021.

Características da crônica

- No jornalismo, em coluna de periódicos, assinada, pode vir em forma de notícias, comentários, algumas vezes críticos e polêmicos
- Aborda temas ligados a atividades culturais (literatura, teatro, cinema, etc.), políticas, econômicas, de divulgação científica, desportivas, etc. Atualmente também abrange o noticiário social.
- Conforme a esfera social que retrata, recebe o nome de crônica literária, policial, esportiva, política, jornalística, etc.
- Quanto ao estilo, geralmente é um texto curto, breve, simples, de interlocução direta com o leitor, com marcas bem típicas da oralidade.
- Quando predominantemente narrativa, possui trama quase sempre pouco definida, sem conflitos densos, personagens de pouca densidade psicológica, o que a diferencia do conto.
- Os motivos, na maior parte, extrai do cotidiano imediato.
- Além do tipo narrativo, também pode ser do tipo argumentativo ou expositivo, como textos de opinião sobre temas diversos de diversas áreas.
- A crônica é o único gênero literário produzido essencialmente para ser vinculado na imprensa, seja nas páginas de uma revista, seja nas de um jornal. Quer dizer, ela é feita com uma finalidade utilitária e predeterminada: agradar aos leitores dentro de um espaço sempre igual e com a mesma localização, criando-se assim, no transcurso dos dias ou das semanas, uma familiaridade entre o escritor e aqueles que o leem.
- Isso significa que, ao expressar-se, o estilo deve dar a impressão de

naturalidade e a língua escrita aproximar-se da fala.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. Autêntica Editora. Edição do Kindle.

Atividade de escrita

DESCOBRINDO SUA CRIATIVIDADE

Escreva uma narrativa a partir do objeto que você retirou da caixa misteriosa. O único elemento obrigatório para o seu enredo é que esse objeto precisa ter problemas de autoestima. Mãos à obra!

4º ENCONTRO

Conteúdo: Gêneros crônica e notícia

Desenvolvimento:

- O encontro começa com a leitura de uma crônica jornalística e uma notícia de jornal. Embora haja a sugestão dos textos, o professor pode optar por uma notícia e uma crônica alinhadas ao momento em que o caderno pedagógico for aplicado, desde que seja mantida a proposta relacionada no tópico a seguir;
- A notícia deve tratar do fato ou acontecimento que deu origem à crônica para que os alunos percebam a relação entre os dois gêneros discursivos no que se refere ao tema;
- Os alunos serão divididos em pequenos grupos. Em um primeiro momento, o professor solicitará que esses apontem, sem nenhum critério específico, as semelhanças entre os dois textos. Seria interessante que os estudantes percebessem que os temas tratados são os mesmos. No entanto, o professor não deverá interferir, já que a atividade posterior já levará a essa conclusão.
- Cada grupo receberá um questionário com perguntas que levem os estudantes a refletirem sobre a relação entre crônica e notícia e o ponto de vista do cronista em relação ao acontecimento relatado.
- As perguntas deverão ser respondidas por escrito.

- O professor fará as perguntas ao final de um período estabelecido para que os grupos possam compartilhar suas respostas com os demais alunos.
- É importante que fique clara a relação entre os textos de forma que os alunos percebam na crônica uma possibilidade não apenas narrativa, mas de exposição de ponto de vista sobre os acontecimentos.
- Para encerrar a aula, será proposto um “Desafio de Escrita” a partir da crônica “Você é o que você gosta”, de Martha Medeiros para que os alunos levem como tarefa a ser entregue no encontro posterior.

Textos sugeridos

Texto 1: Crônica

Eu esqueço de lembrar do passado e tenho preguiça de pensar no futuro

Chego a pensar se Bolsonaro não teria ele mesmo marcado de fazer tudo o que não fez pra depois da pandemia

Tem os desmemoriados, aqueles que se esqueceram do que aconteceu, e tem os desprevenidos, aqueles que esqueceram de pensar no que poderia acontecer. Pertencço a ambas as categorias, e por isso tenho a sorte de viver no presente: muito esquecido pra lembrar do passado, muito preguiçoso pra pensar no futuro.

Quanto mais uma coisa vai demorar pra acontecer, menos ela existe pra mim. Não consigo ver diferença entre algo que só vai acontecer em 2023 e algo que não vai acontecer nunca.

Isso gera outro fenômeno: quanto mais distante no futuro for um compromisso, mais tenho tendência a dizer que estarei lá, por mais insuportável que ele pareça. Topo participar de qualquer roubada, desde que aconteça depois de 2023.

Podem me chamar pra palestrar num simpósio de constelação familiar em Aparecida, ou pra encenar a paixão de Cristo em Maringá: conte comigo. Estarei lá. Não conheço o Gregorio de 2023 e não tenho o

menor carinho por ele. Não poderia me importar menos com a felicidade de alguém. Tanto que passo os dias ferrando a vida dele: com bacon, tabaco, cerveja, sorvete. Sou seu pior inimigo.

Quando 2023 chegar, vou amaldiçoar todas as suas gerações, e as minhas. Mas estarei lá, de camisa social, em Maringá —revoltado com esse sortilégio do futuro ter virado presente.

A pandemia adiou um monte de projetos pra “quando tudo voltar ao normal”. A frase que mais disse durante a pandemia foi “a gente se fala quando tudo isso passar”. Só que já percebemos que tudo isso não “vai passar”. Pelo menos, não feito um cometa, ou feito a carreta furacão, mas tipo a adolescência, anos depois do que deveria, deixando marcas indeléveis.

A luz no fim do túnel foi caminhando junto com a gente, como se viesse de uma lanterna presa no capô do carro. A pandemia vai terminar — se terminar— como a série “The Walking Dead”, quando ninguém mais estiver vendo, depois que já morreram os melhores personagens, em fade out.

Rezo todo dia pra que as pessoas não se lembrem de tudo o que a gente combinou pra depois do fim do túnel. Se todo o mundo lembrar, vai ser um festival de simpósio com batizado, de Paixão de Cristo com bar mitzvah. É preciso esquecer.

Chego a pensar se Bolsonaro não teria ele mesmo marcado de fazer tudo o que não fez pra depois da pandemia. Daí viria seu esforço desmedido pra atrasar a vacinação, criar novas variantes e prolongar esse túnel por um bom tempo. Como é reconfortante imaginar um caos que tivesse sido, ao menos, planejado.

DUVIVIER, Gregorio. Eu esqueço de lembrar do passado e tenho preguiça de pensar no futuro. Eu esqueço de lembrar do passado e tenho preguiça

de pensar no futuro - 31/08/2021 - Gregorio Duvivier - Folha (uol.com.br)

Texto 2: Notícia

Cinema, bar e restaurante são prioridades para brasileiro pós-Covid, diz pesquisa

Retomada, porém, vai encontrar consumidor com menos dinheiro no bolso, segundo Bain & Company

O brasileiro tem muita vontade de voltar à vida normal, especialmente ir ao cinema, frequentar bares e restaurantes, além de fazer compras em lojas físicas. Mas como ele perdeu renda durante a pandemia, este retorno vai ser comedido.

Estas são algumas das principais conclusões de um estudo da consultoria Bain & Company feito em maio com 2.000 brasileiros para saber quais atividades as pessoas estão mais dispostas a retomar com o fim das restrições impostas pela pandemia de Covid-19. A pesquisa foi feita online com consumidores que moram em todas as capitais do país, e tem nível de confiança superior a 95%.

De acordo com o levantamento, o que os consumidores mais têm vontade de fazer é ir ao cinema (57%), frequentar bares e restaurantes (65%) e fazer compras em lojas físicas (40%). Durante a pandemia, 79%, 65% e 60% das pessoas, respectivamente, deixaram de realizar essas atividades.

“Mas diferentemente dos Estados Unidos e da Europa, onde mais consumidores aumentaram suas economias durante a pandemia, os brasileiros viram sua renda diminuir no período”, diz Federico Eisner, sócio da Bain & Company.

“No Brasil, a retomada vai encontrar consumidores com muito menos dinheiro no bolso”, diz Eisner. E isso vai impactar diretamente o ritmo do retorno das atividades. “Nos Estados Unidos, por exemplo, os restaurantes

já chegaram a 86% do nível de reservas de antes da pandemia”.

No Brasil, os que não fecharam as portas, ainda estão em processo de retomada. “As pessoas querem voltar a frequentar os restaurantes, mas perceberam que fazer comida em casa sai muito mais em conta”, afirma Eisner.

Em entretenimento, diz o pesquisador, o levantamento não é conclusivo a respeito das tendências. “Muitos brasileiros querem voltar aos cinemas, mas já gastaram com serviços de streaming por conta da pandemia”, afirma. “A dúvida é se eles vão manter os serviços, diante do fim das restrições”, diz Eisner, que aposta em uma redução no tempo gasto com videogames.

Entre os maiores desejos de consumo dos brasileiros com o fim das restrições, também estão participar de um grande evento social (41% dos entrevistados), se hospedar em um hotel (39%) e até mesmo de voltar a ir ao cabeleireiro, ou qualquer outro compromisso que não seja essencial (38%).

“As atividades que apresentarem menos risco de contaminação são as que o consumidor vai voltar mais depressa”, diz.

MAIS DE 40% GANHARAM PESO DURANTE A PANDEMIA

O levantamento da Bain & Company também apontou que cerca de 80% dos consumidores estão mais preocupados com a saúde do que antes da pandemia. Ainda assim, o ponteiro da balança subiu.

Mais de 40% dos consumidores brasileiros relataram ganhar peso durante a pandemia, informa o levantamento, o que sugere desequilíbrios no estilo de vida

Ainda assim, o levantamento apontou que quase metade dos consumidores relatou comer alimentos mais saudáveis durante o período de confinamento, da mesma maneira que tentaram entrar em forma –muitas

vezes usando aplicativos de exercícios– e procuraram beber menos.

“O brasileiro é mais sociável que o americano, por exemplo, e tende a retornar para as academias com o fim das restrições”, diz Eisner. “Essa também é uma das tendências apontadas pela pesquisa”.

MADUREIRA, Daniele. Cinema, bar e restaurante são prioridades para brasileiro pós-Covid, diz pesquisa. Disponível em: Cinema, bar e restaurante são prioridades para brasileiro pós-Covid, diz pesquisa - 23/09/2021 - Mercado - Folha (uol.com.br). Acesso em 28 SET 2021.

REFLETINDO SOBRE OS TEXTOS

1- Qual o tema da notícia?

2- Qual o tema da crônica?

3- Observe as datas em que os dois textos que você leu foram escritos. Você acredita que existe alguma relação entre as datas próximas e o fato das duas tratarem do mesmo assunto?

4- Qual dos textos (notícia ou crônica) apresenta um ponto de vista sobre o acontecimento?

5- Você concorda ou discorda desse ponto de vista? Por quê?

DESAFIO DE ESCRITA

Certamente existem muitas maneiras de falarmos sobre nós mesmos e expressarmos um pouco do que somos. Leia a crônica de Martha Medeiros, “Você é o que você gosta”, e descubra de que maneira o narrador descreve a si mesmo.

Você é o que você gosta

Quem sou eu? Quando não temos nada de prático nos atazanando a vida, a preocupação passa a ser existencial. Pouco importa de onde viemos e para onde vamos, mas quem somos é crucial descobrir.

A gente é o que a gente gosta. A gente é nossa comida preferida, os filmes que a gente curte, os amigos que escolhemos, as roupas que a gente veste, a estação do ano preferida, nosso esporte, as cidades que nos encantam. Você não está fazendo nada agora? Eu idem. Vamos listar quem a gente é: você daí e eu daqui.

Eu sou outono, disparado. E ligeiramente primavera. Estações transitórias.

Sou Woody Allen. Sou Lenny Kravitz. Sou Marília Gabriela. Sou Nelson Motta. Sou Nick Hornby. Sou Ivan Lessa. Sou Saramago.

Sou pães, queijos e vinhos, os três alimentos que eu levaria para uma ilha deserta, mas não sou ilha deserta: sou metrópole.

Sou bala azedinha. Sou coca-cola. Sou salada caprese. Sou camarão à baiana. Sou filé com fritas. Sou morango com sorvete de creme. Sou linguado com molho de limão. Sou cachorro-quente só com mostarda e queijo ralado. Do churrasco, sou o pão com alho.

Sou livros. Discos. Dicionários. Sou guias de viagem. Revistas. Sou mapas. Sou Internet. Já fui muito tevê, hoje só um pouco GNT. Rádio. Rock. Lounge. Cinema. Cinema. Cinema. Teatro.

5º ENCONTRO

Conteúdo: Produção de crônica

Desenvolvimento:

- Os alunos receberão exemplares do jornal “Folha de S. Paulo” e “Estadão”.
- Antes da leitura, o professor avisará os estudantes que estes deverão escolher uma notícia para que, a partir dela, produzam uma crônica.
- Será disponibilizado o período de uma aula (cinquenta minutos) para leitura.
- Serão distribuídas para os alunos fotocópias com as propostas de produção escrita.
- Os alunos realizarão a primeira produção de crônica jornalística do caderno pedagógico a partir da notícia que escolheram nos jornais lidos.
- As produções deverão ser realizadas, preferencialmente, em sala de aula, para que o professor possa auxiliar nas dúvidas que surgirem.
- Caso não seja possível concluir a escrita em sala, os alunos poderão levar suas produções para a casa, desde que se comprometam em entregá-las no encontro seguinte.

Produção de crônica

Escolha uma notícia no jornal que você recebeu e anote aqui os seguintes dados.

Nome do jornal: _____

Data de publicação: _____

Título da notícia:

Por que você escolheu essa notícia?

Desenvolvimento:

- O encontro se iniciará com a entrega feita pelo professor dos textos corrigidos aos alunos e comentários gerais sobre as produções por meio de uma roda de conversa;
- Os alunos poderão ler os textos que produziram, trocar os textos entre si, opinar e elencar as dificuldades que encontraram ao escrever.
- Em seguida, será proposta uma nova reescrita das crônicas conforme as correções e observações feitas pelo professor.
- O ambiente deverá ser de colaboração.
- Todos poderão se auxiliar e trocar ideias sobre as possíveis soluções para os desafios encontrados no processo de reescrita.
- Para encerrar a aula, haverá a leitura de uma crônica.
- Ao final da leitura, o professor deverá reforçar oralmente as características do gênero discursivo.

Crônica para leitura**Eu sei, mas não devia**

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.

A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplitude.

A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora. A tomar o café correndo porque está atrasado. A ler o jornal no ônibus porque não pode perder o tempo da viagem. A comer sanduíche porque não dá para almoçar. A sair do trabalho porque já é noite. A cochilar no ônibus porque está cansado. A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o

dia.

A gente se acostuma a abrir o jornal e a ler sobre a guerra. E, aceitando a guerra, aceita os mortos e que haja números para os mortos. E, aceitando os números, aceita não acreditar nas negociações de paz. E, não acreditando nas negociações de paz, aceita ler todo dia da guerra, dos números, da longa duração.

A gente se acostuma a esperar o dia inteiro e ouvir no telefone: hoje não posso ir. A sorrir para as pessoas sem receber um sorriso de volta. A ser ignorado quando precisava tanto ser visto.

A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o de que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar. E a ganhar menos do que precisa. E a fazer fila para pagar. E a pagar mais do que as coisas valem. E a saber que cada vez pagar mais. E a procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro, para ter com que pagar nas filas em que se cobra.

A gente se acostuma a andar na rua e ver cartazes. A abrir as revistas e ver anúncios. A ligar a televisão e assistir a comerciais. A ir ao cinema e engolir publicidade. A ser instigado, conduzido, desnortado, lançado na infundável catarata dos produtos.

A gente se acostuma à poluição. Às salas fechadas de ar condicionado e cheiro de cigarro. À luz artificial de ligeiro tremor. Ao choque que os olhos levam na luz natural. Às bactérias da água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios. Se acostuma a não ouvir passarinho, a não ter galo de madrugada, a temer a hidrofobia dos cães, a não colher fruta no pé, a não ter sequer uma planta.

A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá. Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço. Se a praia está contaminada, a gente molha só os pés e sua no resto do corpo. Se o trabalho está duro, a

gente se consola pensando no fim de semana. E se no fim de semana não há muito o que fazer a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem sempre sono atrasado.

A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma.

COLASANTI, Marina. *Eu sei, mas não devia*. Disponível em: Eu sei, mas não devia, de Marina Colasanti: texto completo e análise - Cultura Genial. Acesso em 10 JUL 2021.

8º ENCONTRO

Conteúdo: Pesquisa

Desenvolvimento:

- A turma será levada ao laboratório de informática;
- Os alunos deverão se dividir em grupos de quatro a cinco integrantes;
- Será solicitado que cada grupo faça uma pesquisa sobre crônicas jornalísticas e as notícias que lhes deram origem;
- O professor, preferencialmente, fará uma pré-seleção dos sites que os alunos utilizarão como fonte de pesquisa;
- Cada grupo deverá selecionar uma crônica e uma notícia e organizar os textos em slides para expor aos demais alunos no encontro seguinte.

9º ENCONTRO

Conteúdo: Apresentação das pesquisas

Desenvolvimento:

- Conforme solicitado previamente pelo professor, os alunos deverão apresentar o resultado de suas pesquisas;

- Os textos deverão ser exibidos em Datashow para que todos possam visualizar e fazer a leitura das crônicas;
- Cada grupo terá o tempo de dez minutos aproximadamente para a apresentação.
- Ao final de cada apresentação, o professor deverá fazer, oralmente, perguntas que chamem a atenção dos alunos quanto às características das crônicas lidas. *(Qual o tema da crônica? / A linguagem utilizada pelo cronista é formal ou informal? / Qual o ponto de vista do narrador em relação ao tema tratado?)*

10º ENCONTRO

Conteúdo: Temas para a produção de crônicas

Desenvolvimento:

- Os alunos serão encaminhados até a sala de vídeo;
- O professor começará a aula explicando que serão apresentados quatro temas e que os alunos deverão, no encontro seguinte, escolher entre um deles para a produção de uma crônica jornalística;
- O professor apresentará, no Datashow, os quatro temas sugeridos: violência, injustiça social, superação e consequências da pandemia;
- Para a apresentação de cada tema, utilizará preferencialmente um vídeo, uma letra de música e uma notícia;

Textos sugeridos:

Tema 1: Violência contra a mulher

Letra de música

Amor Que Dói

Por muito tempo eu fiquei calada
Mesmo vivendo tanta coisa errada
Um pesadelo que não tinha fim
Sempre era assim

E essa rosa agora não adianta nada

Mais uma vez, sua desculpa não apaga
As marcas dessa dor
Que você deixou

E a gente não se olha mais do jeito que se olhava
Você não toca em mim do jeito que você tocava
Amor que dói
Não é amor, não, não, não, não

E a gente não se ama mais do jeito que se amava
Você não toca em mim do jeito que você tocava
Amor que dói
Que cala a voz, não é amor

Eu não calo a minha voz
Vou gritar por todas nós
Eu não calo a minha voz
Não

Eu não calo a minha voz
Se for preciso, vou gritar por todas nós
Eu vou deixar meu coração falar
Saber que eu me amo e não vou me calar

Se atinge uma, atinge todo mundo
Machuca uma, machuca todo mundo
Você não tá sozinha, não
Então por que não tira a tua voz do mudo?

E a gente não se olha mais do jeito que se olhava
Você não toca em mim do jeito que você tocava
Amor que dói
Não é amor, não, não, não, não

E a gente não se ama mais do jeito que se amava
Você não toca em mim do jeito que você tocava
Amor que dói
Que cala a voz, não é amor

Eu não calo a minha voz
Vou gritar por todas nós
Eu não calo a minha voz
Não

Simone e Simaria. Amor que dói. Disponível em: Amor Que Dói - Simone e Simaria - VAGALUME

Vídeo

Vídeo 1: Como você reage à violência contra a mulher? | React | Teia GNT.
Disponível em:
(71) Como você reage à violência contra a mulher? | React | Teia GNT - YouTube

Vídeo 2: Os tipos de violência contra a mulher | Papo Rápido | Papo de Segunda.
Disponível em:
(71) Os tipos de violência contra a mulher | Papo Rápido | Papo de Segunda - YouTube

Notícia

Violência contra a mulher cresce no estado de SP no 1º semestre deste ano, aponta levantamento do Instituto Sou da Paz

Alta nos homicídios e feminicídios foi de 2,6% entre janeiro e junho de 2021. Já as agressões aumentaram 5,4%.

Por Bom Dia SP — São Paulo

28/09/2021 08h09

As agressões e os homicídios contra as mulheres cresceram no estado de São Paulo no primeiro semestre deste ano, segundo um levantamento do Instituto Sou da Paz.

De janeiro a junho de 2020 foram 196 homicídios e feminicídios (é quando a vítima é morta por ser mulher) contra 201 no mesmo período deste ano, uma alta de 2,6%. Já o número de agressões subiu de 24.069 para 25.366, 5,4% a mais.

Carolina Ricardo, diretora-executiva do Instituto Sou da Paz, ressalta que apesar do aumento não ter sido tão expressivo, ele corrobora o aumento de violência contra a mulher visto nos últimos anos.

Jamila Ferrari, coordenadora das delegacias da Mulher, disse que homicídios normalmente são provocados por brigas, tráfico de drogas e vingança, e não necessariamente pela relação de relacionamento amoroso.

“Nós temos dividido o homicídio e feminicídio contra a mulher. É uma escolha essa divisão justamente nem sempre todo homicídio de mulher é um feminicídio ou ele aconteceu em um âmbito da família, de um relacionamento amoroso ou de menosprezo pela condição de mulher. Quando a gente analisa os dados a gente vê que o número de feminicídios cai, são 2, e o número de homicídios de mulher sobe”, afirmou.

Sobre o aumento de agressões, ela diz que era esperado devido ao confinamento provocado pela pandemia de coronavírus.

“Com relação a violência, lesão corporal, ameaça, era esperado esse aumento. As pessoas estavam dentro de casa, estavam isoladas e agora elas conseguem sair. E ao sair, elas conseguem denunciar, fazer o boletim de ocorrência e pedir ajuda”

As mulheres conseguem fazer boletim de ocorrência e pedir medida protetiva contra o agressor pela internet. Para as mulheres que já possuem medida protetiva, existe um aplicativo em que a mulher aciona o pedido de socorro após apertar um botão, conhecido como SOS Mulher, e uma viatura da Polícia Militar deve chegar em até 15 minutos.

Dados obtidos pela TV Globo, através da Lei de Acesso à Informação, mostram que na maioria dos casos, a Polícia militar consegue atender o chamado dentro do prazo estipulado. Mas ainda há casos em que o socorro demora até 1 hora.

Disponível em : Violência contra a mulher cresce no estado de SP no 1º semestre deste ano, aponta levantamento do Instituto Sou da Paz | São Paulo | G1 (globo.com). Acesso em 30 SET 2021.

Tema 2: Desigualdade social

Letra de música

Pobreza Por Pobreza

Meu sertão vai se acabando
Nessa vida que o devora
Pelas trilhas só se vê gente boa indo embora
Mas a estrada não terá o meu pé pra castigar
Meu agreste vai secando
E com ele vou secar
Pra que me largar no mundo se nem sei se vou chegar
A virar em cruz de estrada
Prefiro ser cruz por cá
Ao menos o chão que é meu
Meu corpo vai adubar
Ao menos o chão que é meu
Meu corpo vai adubar
Se doente sem remédio, remediado está
Nascido e criado aqui
Sei o espinho aonde dá
Pobreza por pobreza
Sou pobre em qualquer lugar
A fome é a mesma fome que vem me desesperar
E a mão é sempre a mesma que vive a me explorar
E a mão é sempre a mesma que vive a me explorar
Se doente sem remédio, remediado está
Nascido e criado aqui
Sei o espinho onde dá
Pobreza por pobreza
Sou pobre em qualquer lugar
A fome é a mesma fome que vem me desesperar
E a mão é sempre a mesma que vive a me explorar
E a mão é sempre a mesma que vive a me explorar
E a mão é sempre a mesma que vive a me explorar

Luiz Gonzaga. Pobreza por pobreza. Disponível em: Pobreza Por Pobreza - Luiz Gonzaga - VAGALUME. Acesso em 10 SET 2021.

Vídeo

Você sabe o que é desigualdade social? Disponível em (73) Desigualdade social no mundo - YouTube. Acesso em 10 SET 21.

Notícia

Desigualdade social no Brasil agravou a pandemia, aponta ONU

Relatório elaborado pela ONU mostra que desigualdade social deixou consequências ainda mais graves durante pandemia

Rebeca Borges

29/09/2021 8:27

Um relatório preparado pela Organização das Nações Unidas (ONU) aponta que as consequências da pandemia serão mais graves para países com maior desigualdade social, como o Brasil.

O documento será lançado nesta quarta-feira (29/9) e foi elaborado em parceria com outras organizações da ONU, como o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e a Organização Pan-Americana de Saúde (Opas).

De acordo com o relatório, quando a Covid atingiu o Brasil, o país apresentava diversas fragilidades estruturais que influenciaram na crise sanitária, econômica e social. O relatório mostra que os grupos em situação de vulnerabilidade social são os mais afetados pela pandemia.

O relatório cita como exemplo a taxa de letalidade por Covid entre pessoas de diferentes grupos raciais. De acordo com dados do Núcleo de Saúde Pública da

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a taxa é de 56% entre pacientes brancos e 79% entre não brancos.

Além disso, os maiores índices de óbitos estão entre pessoas sem escolaridade (71%). Os pacientes que tinham ensino superior completo representam apenas 22% das mortes por Covid, mostra o documento.

Segundo as organizações, mesmo que o país tenha conquistado bons resultados no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) nas últimas décadas, parte da população ainda sofre para alcançar necessidades básicas.

“Notadamente, apesar dos ganhos substanciais em saúde, educação e no padrão de vida da população registrados nas últimas décadas, ainda há um conjunto de necessidades básicas diferentemente atendidas no Brasil e nos seus estados; e, paralelamente, uma nova geração de desigualdades se abre, alargando a lacuna entre aqueles que têm e aqueles que não têm”, aponta o relatório.

Bachelet pontuou que a incapacidade dos países de manter liberdades fundamentais, como justiça, educação de qualidade, moradia e trabalho, “minou a resiliência das pessoas e dos estados”.

“Devemos garantir que os planos de recuperação econômica dos estados sejam construídos sobre alicerces dos direitos humanos e em consulta significativa com a sociedade civil. Deve haver passos para defender a saúde universal, as proteções sociais universais e outros direitos fundamentais para proteger a sociedade de danos”, concluiu Bachelet.

BORGES, Rebeca. **Desigualdade social no Brasil agravou pandemia, aponta ONU**. Disponível em: Desigualdade social no Brasil agravou pandemia, aponta ONU (metropoles.com). Acesso em 29 SET 21.

Tema 3: Amizades virtuais

Letra de música**Meu Amigo Enock**

Te dei o melhor de mim
Colar, calor, amor sem fim
Abri o meu coração
Sala, cozinha e porão

O meu amigo Enock
Que tem uma banda de rock
Me disse "cuidado"
Mas eu, desligado, nem quis ouvir

Segredos, juras e toques
Que eu te falava inbox
Você quis expor pra agradar
O seu ego cego, cheio de si

Vou excluir você do meu Facebook
Da minha vida também
Eu já saquei o seu truque
(Eu já cansei do seu truque)

Queria sempre te ver
Dia e noite e você
Pareceu por um instante
Tão fina suave e elegante

O meu amigo Enock
Que tem uma banda de rock
Me disse "cuidado"
Mas eu, desligado, nem quis ouvir

Segredos, juras e toques
Que eu te falava in box
Você quis expor pra agradar
O seu ego cego, cheio de si

Vou excluir você do meu Facebook
Da minha vida também
Eu já saquei o seu truque

Vou excluir você do meu Facebook
Da minha vida também
Eu já cansei do seu truque

BALEIRO, Zeca. Meu amigo Enock. Disponível em: Meu Amigo Enock - Zeca Baleiro - LETRAS.MUS.BR. Acesso em 01 AGO 21.

Vídeo

O que a Psicologia tem a dizer sobre as AMIZADES VIRTUAIS? Disponível em: (73) O que a Psicologia tem a dizer sobre as AMIZADES VIRTUAIS? - YouTube. Acesso em: 30 JUL 21.

Notícia

Grupos de estudo e cursos de literatura virtuais ganham força na pandemia

'Clubes do livro' divulgam autores independentes e revisitam os clássicos

Marcia Disitzer

06/09/2021 - 04:30

Que livros são companhias preciosas, isso todo o mundo está cansado de saber. Mas, agora, graças à tecnologia, o hábito da leitura se expandiu: clubes especializados e cursos de literatura fazem sucesso no ambiente virtual e caminham em direções diversas, ora revendo clássicos, ora apresentando novos

autores. O movimento, além de unir pessoas de todos os lugares, alarga horizontes, forma novas amizades e cresceu muito neste ano de pandemia.

Em abril, a professora de literatura portuguesa e africana Mônica Mançur Peneda e o psiquiatra Taylor Reis criaram o perfil Turma da Estante (@turmadaestante) no Instagram com o objetivo de analisar livros sob essas duas abordagens (literatura e psiquiatria). “No começo, participavam apenas os amigos chegados. Com o tempo, o número se multiplicou. Hoje, temos mais de 4 mil seguidores”, conta Mônica. Entre eles, o escritor angolano José Eduardo Agualusa, que falou para a turma sobre seu livro “Os vivos e os outros”.

A dinâmica é a seguinte: um livro é escolhido para ser a leitura do mês. “Informamos o nome e a data do encontro por meio do Instagram. No dia da reunião mensal, que acontece no Google Meet, divulgamos o link meia hora antes. Atualmente, nossa média é de 30 pessoas por debate”, explica. Para ela, a iniciativa, totalmente gratuita, ressignifica a relação com as publicações. “A leitura é um ato solitário até a página dois. As discussões em grupo são muito ricas, ficamos horas conversando”, observa Mônica. O público é predominantemente feminino. “Se a gente pensar historicamente, a mulher sempre esteve ligada à criação de mundos paralelos.”

Leitora voraz, a empresária Bebel Niemeyer está envolvida em grupos de leitura fechados, na companhia de amigas, e também é assídua em aulas on-line de professores renomados, como Alex Castro e Marcela Oliveira, que falará sobre Proust no seminário digital gratuito “As máscaras de Eros” da PUC-Rio, na sexta-feira, dia 10, via Zoom (informações: cce.puc-rio.br).

“Ler é a melhor viagem que existe por não ter turbulências”, define. Durante a pandemia, com a vida social interrompida, utilizou o tempo para se aprofundar no velho hábito. “Li, em um curso do Alex, ‘Paraíso perdido’, de John Milton, uma obra monumental. Tem coisas na vida que dá para fazer sozinha, mas ler um livro como esse é mais difícil”, diz. Entre aulas e reuniões virtuais, Bebel revisitou

Balzac e Proust, desfrutou Guimarães Rosa e releu Shakespeare. “Também tem muito bate-papo. É o meu chope virtual”, brinca.

Criado em 2018, o curso da especialista em marketing Andriele Moraes e da designer Maria Fernanda Gama tem um foco claro: elas estão à frente do Clube do Livro Feminista (@clubedolivrofeminista), que, até o começo de 2020, promovia leituras compartilhadas em centros culturais da capital paulista. “Crescemos muito durante a pandemia ao migrarmos para o universo on-line, pessoas de outros estados e também de outros países puderam participar”, avalia Andriele. Os livros eleitos são assinados por mulheres, e os encontros para debatê-los, abertos a todos, acontecem mensalmente. “A gente seleciona com base nas sugestões. Priorizamos as autoras independentes”, emenda.

Escritor e professor de História e Literatura, Alex Castro resistia em dar aulas à distância. “Achava um absurdo”, admite ele, que, hoje, chega a reunir 150 alunos por vez em plataformas digitais. O curso do momento se chama “A grande conversa brasileira — a ideia de Brasil na literatura”. “Percebi que as aulas são mais inclusivas na internet. Meu objetivo é gerar conversas”, diz. Além de encontros mensais via Zoom, alunos e professor interagem o tempo todo pelo WhatsApp. O curso é remunerado (R\$ 299/alexcastro.com.br), mas ele concede bolsas. O ambiente é democrático e animado: “Falo pelos cotovelos e todos participam. Já tiveram ocasiões em que ficamos por 11 horas”.

Disitzer, Marcia. Grupos de estudo e cursos de literatura virtuais ganham força na pandemia. Disponível em: Grupos de estudo e cursos de literatura virtuais ganham força na pandemia - Jornal O Globo. Acesso em 30 SET 21.

Tema 4: Consequências da pandemia/ isolamento social

Letra de música

Vento No Litoral

De tarde quero descansar
Chegar até a praia e ver
Se o vento ainda está forte
E vai ser bom subir nas pedras
Sei que faço isso pra esquecer
Eu deixo a onda me acertar
E o vento vai levando tudo embora

Agora está tão longe
Ver a linha do horizonte me distrai
Dos nossos planos é que tenho mais saudade
Quando olhávamos juntos na mesma direção
Aonde está você agora além de aqui dentro de mim?

Agimos certo sem querer
Foi só o tempo que errou
Vai ser difícil sem você
Porque você está comigo o tempo todo
E quando vejo o mar
Existe algo que diz
Que a vida continua e se entregar é uma bobagem

Já que você não está aqui
O que posso fazer
É cuidar de mim
Quero ser feliz ao menos
Lembra que o plano era ficarmos bem

Eieieieiei!

Olha só o que eu achei

Humrum
Cavalos-marinhos

Sei que faço isso pra esquecer
Eu deixo a onda me acertar
E o vento vai levando tudo embora

Legião Urbana. **Vento no litoral**. Disponível em: Vento No Litoral - Legião Urbana - LETRAS.MUS.BR. Acesso em: 02 AGO 21.

Vídeo

Efeitos da pandemia na saúde mental da população. Disponível em: (71) Efeitos da pandemia na saúde mental da população - YouTube. Acesso em 20 AGO 21.

Notícia

Isolamento social potencializa dependência tecnológica

A necessidade de utilizar a internet para a realização das atividades de rotina potencializou problemas de saúde mental. Especialistas explicam o fenômeno e compartilham práticas saudáveis

Raquel Ribeiro* e Tayanne Silva*

O isolamento social potencializou um dos problemas mais comuns da modernidade: a dependência tecnológica. Confinados entre quatro paredes, muitos enxergaram a internet como um meio de se distrair da realidade conturbada e a única alternativa para se comunicar com o exterior.

Para o psicólogo clínico Gilberto Godoy, as contingências da pandemia criaram novas demandas e mudaram a forma com que as pessoas se relacionam com tudo à volta. O uso desenfreado de tecnologias, por exemplo, passou a ser um dos grandes responsáveis pelo aparecimento e/ou agravamento de problemas mentais. “A forma de o homem se relacionar com outros homens e com as coisas se modificou muito. Dentro do consultório, notei que as pessoas começaram a ter

alguns sintomas que, antes, ou eram mascarados ou não existiam, como ansiedade, síndrome do pânico e depressão”, observa.

Pesquisa realizada pelo Laboratório Delete-Detox Digital e Uso Consciente de Tecnologias, da Universidade Federal do Rio De Janeiro (UFRJ), evidencia essa dependência. Realizado no período de 1º de novembro de 2020 a 1º de janeiro de 2021, o estudo mostra que 62,5% das pessoas usaram tecnologias por mais de três horas todos os dias, e 49,1% por mais de quatro horas, durante o período de isolamento social imposto pela pandemia da covid-19.

O questionário, aplicado para 336 respondentes de todo o país pela plataforma Google Forms, também evidenciou que 50,6% das pessoas costumavam checar com frequência suas mensagens, enquanto 56,3% delas, quando deixavam de usar tecnologias frequentemente, voltavam a acessar.

A pesquisa, sob responsabilidade da psicóloga doutora em saúde mental Anna Lucia Spear King, mostra outros dados interessantes sobre essa dependência: 44,3% frequentemente se sentiam mais felizes durante o dia por usar as tecnologias, enquanto 26,8% se diziam tristes por não poderem usá-las. Já 17,3% relataram algum medo ao perceber que não tinham acesso às tecnologias e 29,5% ficavam nervosos.

Hábitos saudáveis

Godoy considera que o pontapé inicial para lidar com o vício em tecnologia é reconhecer a existência do problema e buscar ajuda profissional. “Procurar uma boa terapia é fundamental para a pessoa começar a mudar de atitude.” Apesar de alguns não sentirem os efeitos a curto prazo, o excesso de exposição a tecnologias pode gerar problemas no futuro.

Segundo o psicólogo, o segredo para evitar danos à saúde é praticar o autocontrole e o uso consciente. “Com a dosagem certa, com equilíbrio de uso, a tecnologia pode ser benéfica em vários sentidos. O problema é que ter autocontrole não é fácil e, por isso, é importante ter a orientação de práticas terapêuticas.” Métodos como o estabelecimento de metas, assim como a identificação dos sinais que o corpo dá são alguns exemplos.

Já o psiquiatra Fábio Aurélio recomenda a adoção de uma visão panorâmica sobre a questão para que, assim, hábitos saudáveis, como a administração do tempo de uso da internet, sejam colocados em ação. Para ele, o mais importante é analisar se o tempo de uso de tecnologias não está afetando outras áreas da vida. “É muito difícil calcular quanto tempo seria ideal, mas, normalmente, na saúde mental, partimos do pressuposto de que tudo que você faz que não interfere na sua vida pessoal, familiar e social é aceito. Então, se você usa a internet de forma saudável, não atrapalhando a sua rotina e a sua convivência social, tudo bem”, avalia.

A revolução nas comunicações

Com a oferta crescente de acesso à internet e a popularização de mídias sociais, como Facebook, Twitter, Instagram e outras, o modo de vida do ser humano mudou. “Nossa maneira de viver, de nos relacionar e até mesmo de consumir informação e negócios on-line nunca mais foi a mesma”, afirma Nathaniel Simch de Moraes, mestre em computação aplicada pela Universidade de Brasília (UnB).

Para ele, no entanto, esse acesso fácil aos recursos tecnológicos também encontra um cenário comum, que é o indício de um vício comportamental relacionado ao uso indiscriminado e compulsivo de mídias sociais. “Isso tem sido exaustivamente estudado pela comunidade acadêmica. Desde janeiro de 2020, podemos encontrar mais de 21 mil registros de publicações relacionadas ao tema. Desse total, pouco mais de 12 mil trazem o termo covid-19 nos conteúdos.”

Para ele, a pandemia não trouxe apenas problemas para a saúde física, mas potencializou um problema psicológico. “Uma vez que obriga as pessoas a passarem mais tempo em casa, e usando a internet, pois é a principal ferramenta para socialização.”

Além disso, ocorreram algumas mudanças: “Os pais, de repente, acumularam suas funções com as de professores e, em muitos casos, com o trabalho, que passou a ser no formato remoto. Assim, os níveis de ansiedade passaram a crescer, para os pais e para os filhos, que também trouxeram para casa seus estudos com as aulas remotas”, completa.

Para o professor, nesse ponto, o vício pelas redes sociais se reflete em ansiedade, depressão, distúrbios alimentares e de sono. “Esses sintomas são potencializados pela crise econômica, também advinda da pandemia.”

A prevenção do vício em tecnologia e seus impactos psicossociais são um esforço que deve ser demandado pelas políticas públicas. “Aqui entra o termo ‘parentalidade participativa’, não como sobrecarga para os pais, mas como um uso envolvente da tecnologia com as crianças com fontes de alta qualidade adequadas à idade”, constata Nathaniel. “As opções sugeridas são de envolver os jovens com as opções de uso mais produtivo e a conduzi-las a uma utilização benéfica, em vez de focar apenas nos limites.”

Equilíbrio em prática

A estrategista digital e produtora de conteúdo multimídia Michelle Macedo, 32 anos, possui uma estreita ligação com as mídias sociais e demais tecnologias de comunicação. Com enfoque no Instagram, rede social que também lhe rende o título de influencer, ela oferece serviços como gestão de redes, consultoria digital, análise de perfil e mentorias.

Por ter o meio virtual como principal ferramenta de trabalho, aprendeu desde cedo a lidar com as consequências do consumo de informações. Hoje, sabe separar a vida profissional da pessoal e procura encontrar um equilíbrio. “Eu encontrei esse equilíbrio na prática. Quando acontecia um fato que me deixava triste, eu levava para a terapia e conversava com meu psicólogo sobre isso. Eu faço terapia desde adolescente, é uma coisa que fez parte da minha vida e me ajudou, de certa forma, a separar o que é trabalho e o que é pessoal, o que me faz bem e o que não faz, o que é meu e o que é do outro”, diz.

Durante a pandemia, o distanciamento de familiares e colegas foi o que mais pesou emocionalmente para ela, resultando em crises de ansiedade, que a fizeram voltar a fazer terapia. “O isolamento afetou o meu emocional porque, como eu estava em home office, a conversa que eu tinha com meus colegas de bancada não podia ter mais. Passei por alguns problemas de ansiedade justamente por não

ter pessoas com quem eu pudesse compartilhar, ter aquela troca, além do fato de morar sozinha e não ter minha família por perto.”

Para evitar os sentimentos negativos, Michelle procura escolher o tipo de conteúdo a que se expõe. “Eu criei métodos dentro da minha cabeça para filtrar o que eu devo consumir ou não, pois o excesso de informação, de consumo, ainda mais em redes como o Instagram, que passam uma imagem distorcida da realidade da vida das pessoas, pode provocar ansiedade e sentimento de inferioridade”, acrescenta.

Controlar o tempo dentro das redes sociais e aproveitar o momento presente são as estratégias que ela incorpora no dia a dia. “Ter um tempo fora das redes sociais e estabelecer um limite é importante. Por exemplo, quando estou com meus amigos, família, namorado, coloco o celular com a tela para baixo para nem ver as notificações. É preciso entender que você precisa ter um tempo para você e não deixar que a rede social te impeça de viver o presente”, aconselha.

Cruzando Limites

A designer gráfica Dazi Antunes, 58 anos, acompanhou a evolução do design, o surgimento da internet, assim como a popularização das redes sociais. O interesse dela pelas novas tecnologias foi imediato e, sendo militante política, enxergou no meio virtual um espaço para compartilhar seus pensamentos e se manter atualizada.

Após a realização de uma cirurgia que a fez perder parte da mobilidade, o contato por meio das telas passou a ser mais constante. Em seguida, veio a pandemia, que contribuiu para que o uso dos dois computadores, além dos dois celulares, extrapolassem os limites considerados saudáveis.

“Eu fui ao oftalmologista e ele me aconselhou a pegar mais leve no uso de celular e computador, parar e fazer outra coisa. Eu sou tão aficionada que fico muito tempo, tanto no computador quanto no celular, e, como consequência, eu estou com problemas de vista. Por dia, passo cerca de 12 horas utilizando tecnologias”, conta.

O mais difícil para ela durante o período de confinamento foi ter que abdicar do convívio social no trabalho, o que a abastecia emocionalmente para lidar com a rotina. A falta de socialização face a face somada ao cenário pandêmico contribuíram para que sintomas como ansiedade ficassem mais fortes. Para ela, a pandemia abalou o emocional de muitos e deixou as pessoas com os nervos à flor da pele.

Benefícios e malefícios

O médico psiquiatra e membro titular da Sociedade Brasileira de Psiquiatria Fábio Aurélio compartilha da visão de que a internet perdeu o caráter agregador e serviu como ambiente de desavenças durante a pandemia. “Talvez porque as pessoas estejam muito estressadas por conta da pandemia, com medo de adoecer, com perdas familiares e profissionais, elas vão para essa relação on-line com uma carga afetiva extremamente negativa. Logo, a internet acabou sendo um lugar onde as pessoas deságuam sentimentos como ansiedade, raiva e angústia”, explica.

Para ele, a falta de comunicação não verbal é uma das principais razões para esses conflitos emocionais. “O homem é um ser sociável e, como nos socializamos pouco durante a pandemia, retrocedemos um pouco mais no nosso processo evolutivo emocional. A nossa inteligência emocional foi prejudicada.” O psiquiatra também ressalta o papel de influência da cultura do abraço na saúde mental: “Na interação virtual, a nossa experiência sensorial é muito empobrecida, e o brasileiro precisa muito de contato físico.”

Dazi acredita que, embora o excesso de uso da internet traga consequências negativas, o ciberespaço funciona como uma fuga da realidade e um companheiro nos momentos difíceis. “A internet me ajuda a sair da minha realidade. Mas, ao mesmo tempo que ela pode ser nociva, também é uma boa distração.”

A fim de usufruir da tecnologia positivamente, a designer pretende seguir os conselhos da médica e direcionar o olhar para o mundo real. “Pretendo estabelecer uma meta, dar uma passeada na rua, observar as árvores e a

natureza. O excesso de exposição às telas está fazendo muito mal para minha saúde, tanto física quanto emocional”, afirma.

Geração digital

Outros que sofrem com os impactos da tecnologia no cotidiano são as crianças e adolescentes. No caso da geração que já nasceu imersa no universo digital, a própria compreensão acerca do mundo é afetada pelas ferramentas tecnológicas, como destaca o psicólogo Gilberto Godoy: “Com essa questão do acesso à tecnologia, as crianças começaram a mudar a forma como aprendem a verbalizar as coisas. Então, os valores que serão aprendidos por essa nova geração são completamente diferentes das outras”.

O estudante do 2º ano do ensino médio Guilherme Soares, 16, aumentou o período de utilização da internet durante a quarentena. Na companhia de aulas on-line, jogos de simulação, redes sociais e filmes, ele passou a ficar em torno de 10 horas por dia no computador e no celular. A falta de outras atividades para o entreter, assim como a impossibilidade de sair de casa, foram os motivos determinantes para o excesso de exposição às telas. “A internet, para mim, é um entretenimento, um passatempo. Na quarentena, era mais uma coisa de desespero e tédio.”

Para ele, a experiência de aula on-line deixou uma série de lacunas no aprendizado. Isso porque a quantidade de estímulos ao redor impuseram dificuldades para a concentração nas aulas. Sobre a motivação para o uso frequente de aparelhos digitais estão a curiosidade e o medo de “ficar de fora”. “Eu não gosto de ficar sem internet, porque eu gosto de comunicação. Sinto que, sem a internet, estou perdendo alguma coisa que está acontecendo. Não gosto de ficar sem sinal porque me sinto muito desconectado do mundo”, confessa.

A psicóloga Aline Soares, mãe de Guilherme e também de Beatriz, 13, é alguém que observou os efeitos negativos da dependência em tecnologia nos próprios filhos. “Os meus dois filhos gostam muito de tecnologia, preferem estar no computador, no mundo deles. Eu vou vendo que o jovem vai ficando mais

deprimido, menos sociável. A tecnologia faz isso, tira o jovem da socialização e cria essa possibilidade de criar um mundo paralelo”, relata.

Segundo ela, é essencial que os pais estabeleçam limites e incentivem os filhos a praticarem outros tipos de atividades. Aline não permite que os dois fiquem com o celular no quarto, por exemplo, para não atrapalhar na hora de dormir, e deixa o computador na sala de forma proposital, para poder ter uma certa vigilância. “Eu incentivo eles a buscarem outras atividades, invento coisas para fazermos nos finais de semana, porque senão é muito mais cômodo para eles ficarem o dia inteiro em frente às telas. Parece que são abduzidos, saem do espaço real e entram em um mundo imaginário”, compara.

Comunicação, aprendizagem e redes sociais

O estudante de fonoaudiologia Pedro Palhano, 19 anos, conta que administra algumas contas do Instagram. “Faço arte, edito vídeos para publicações e crio conteúdos para posts. Fico bastante tempo usando tecnologias (internet e aparelhos eletrônicos, como notebook e celular). Na verdade, muito mais do que eu queria”, diz.

Dono de uma conta do Instagram que aborda dicas de estilo de vida (dieta, lugares, beleza, etc.), Pedro passa horas no celular. E, longe das redes sociais, sente-se triste e ansioso. “Há uma confusão de sentimentos, pois passar período mais exposto a elas me deixa angustiado”, relata. O jovem tenta se controlar ao máximo. “É difícil. Tem vezes que consigo, passo dias sem entrar nas redes sociais e fico tranquilo, porém, isso depende muito do meu humor”, afirma.

O estudante ressalta, porém, um lado bom da tecnologia. “Facilita muito nossa comunicação e nossa vida, por isso é viciante.” No início da pandemia, o jovem virava noites assistindo a séries, mas, atualmente, o tempo usado é praticamente todo para as redes sociais e estudar on-line. “Eu uso muito a internet para aprender e pesquisar. Assistio às aulas on-line da faculdade também. Infelizmente, a distância das pessoas e essa mudança de modalidade trouxe alguns gatilhos.”

Raquel Ribeiro e Tayanne Silva. Isolamento social potencializa dependência tecnológica Disponível em: Isolamento social potencializa dependência tecnológica (correiobrasiliense.com.br). Acesso em 05 MAI 21.

11º ENCONTRO

Conteúdo: Produção de crônica jornalística

Desenvolvimento:

- Será organizada uma roda de conversa para que os alunos discutam sobre as temáticas expostas no encontro anterior;
- A discussão será direcionada pelo professor, que deverá retomar os tópicos tratados em cada tema;
- Cada estudante deverá optar por um dos temas para produzir uma crônica jornalística;
- Antes da produção, o professor lembrará oralmente com os alunos as características mais relevantes da crônica jornalística;
- Serão entregues aos alunos fotocópias com a proposta de produção de texto;
- O professor esclarecerá que as produções dessa aula deverão ser encaradas como um rascunho/ primeira versão da produção final;
- O rascunho será elaborado em sala e entregue ao professor para correção.

Proposta de produção

Escolha o tema discutido em sala e que você achou mais interessante e, a partir dele, produza uma crônica. Lembre-se de que, tão importante quanto seu texto estar bem escrito, é expressar seu ponto de vista. Todos nós temos maneiras próprias de enxergar o mundo e as mais diversas situações, por mais corriqueiras que pareçam. Então, seja você o cronista agora.

13º ENCONTRO

Conteúdo: Criação de página em rede social

Desenvolvimento:

- Como última etapa do projeto, os alunos serão levados ao laboratório de informática para que seja iniciada coletivamente a criação de uma página em rede social;
- É importante que haja um projetor conectado ao computador do professor para que todas as etapas de criação da página sejam visualizadas e aprovadas por todos os alunos envolvidos;
- Na página serão disponibilizadas as versões finais das crônicas produzidas pelos alunos;
- Cada aluno ficará responsável por alimentar a página com seu próprio texto;
- Caso haja menos textos que alunos, estes poderão ser divididos em pequenos grupos.

REFERÊNCIAS

AVERSA, Leo. Gente sincera e sem cerimônia: como evitar. Disponível em: Gente sincera e sem cerimônia: como evitar - Jornal O Globo. Acesso em 28 SET 2021.

AVERSA, Leo. Jejum de realidade. Disponível em: Jejum de realidade - Jornal O Globo. Acesso em 02 SET 2021.

BERNARDI, Tati. **Não é tudo isso**. Disponível em: Não é tudo isso - 19/08/2021 - Tati Bernardi - Folha (uol.com.br). Acesso em 20 AGO 2021.

BRAGA, Rubem. A triste língua do rádio. Disponível em: A triste língua do rádio – Crônica de Rubem Braga | Conto Brasileiro. Acesso em 25 mar 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

CAMPOS, Paulo Mendes. **O Cego de Ipanema**. RJ: Ed. do Autor, 1961. Disponível em Pavilhão Literário Cultural Singrando Horizontes: Paulo Mendes Campos (O Carioca e a Roupa). Acesso em 18 JUN 2021.

CANDIDO, Antonio. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

COLASANTI, Marina. A casa das palavras. Disponível em armazendostextos.blogpost. Acesso em 29 MAI 2021.

DUVIVIER, Gregorio. Eu esqueço de lembrar do passado e tenho preguiça de pensar no futuro. Eu esqueço de lembrar do passado e tenho preguiça de pensar no futuro - 31/08/2021 - Gregorio Duvivier - Folha (uol.com.br)

LERNER, Delia. **Ler e Escrever na Escola: O Real, o Possível e o Necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. O desenvolvimento de habilidades de leitura e de produção de textos a partir de gêneros discursivos. In: **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos**. Org. Maria Aparecida Garcia Lopes-Rossi. Taubaté – SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2002.

MADUREIRA, Daniele. Cinema, bar e restaurante são prioridades para brasileiro pós-Covid, diz pesquisa. Disponível em: Cinema, bar e restaurante são prioridades para brasileiro pós-Covid, diz pesquisa - 23/09/2021 - Mercado - Folha (uol.com.br). Acesso em 28 SET 2021.

MEDEIROS, Martha. Você é o que você gosta. Disponível em https://www.pensador.com/cronicas_martha_medeiros/. Acesso em 10 JUN 2021.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa**. São Paulo: Cultrix, 1997.

MOSSI, Camila. **Os cãomunistas e a revolta das vacinas**. Disponível em: camila-mossi-portfolio.pdf (wordpress.com). Acesso em 01 MAI 2021.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares de Educação Básica: Língua Portuguesa**. Curitiba: SEED, 2008.

TAUVERON, Catherine. A escrita “literária” da narrativa na escola: condições e obstáculos. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 52, p. 85-101, abr./jun. 2014. Editora UFPR. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n52/06.pdf>. Acesso em 13 de jun. 2020.

Veríssimo, Luís Fernando. **O nariz e outras crônicas**. São Paulo: Ática, 1994.p.73-74. Coleção para gostar de ler. Disponível em O nariz - Crônica de Luis Fernando Veríssimo | Conto Brasileiro. Acesso em 10 JUN 2021.